

# ILUSTRAÇÃO

N.º 234 - 10.º ano



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA  
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM  
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

## O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

**Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta**

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

## MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

**Preços de assinatura**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

**SAMUEL MAIA**  
Médico dos hospitais de Lisboa

**O LIVRO DAS MÃES**  
**O MEU MENINO**

Como o hei-de gerar,  
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,  
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

**MINERVA CENTRAL**

Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

*Um livro patriótico que desperta  
nas crianças o gosto pela História*

**PORTUGUESES DE OUTORA**

HISTÓRIA DE PORTUGAL CONTADA POR CRIANÇAS

POR **MARIA PAULA DE AZEVEDO**

Ilustrações de **MAMIA ROQUE GAMEIRO**

**2.ª EDIÇÃO**

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa  
a cores . . . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

*Uma interessante edição cinéfila*

**AS PUPILAS**  
**DO**  
**SENHOR REITOR**

DE **JULIO DINIZ**

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. . . . . **15\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



O mal-estar, abatimento e dôr de cabeça que nos atacam em certos dias húmidos e de grande calor, têm a sua origem numa alteração da circulação do sangue, que provoca um desequilíbrio geral.

**Cafiaspirina**

é o remédio mais adequado que existe contra esse mal-estar do calor, porque tem uma acção regularizadora sobre o sistema circulatório, restabelecendo, portanto, o equilíbrio orgânico. Por consequência, não só faz desaparecer as dôres de cabeça, como também descongessa os centros afectados, levanta as forças e proporciona uma agradável sensação de bem-estar.



## ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

**Dr. Agostinho de Campos**

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

*Volumes publicados:*

**Afonso Lopes Vieira**, um volume.  
**Alexandre Herculano**, um volume.  
**Antero de Figueiredo**, um volume.  
**Augusto Gil**, um volume.  
**Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.  
**Eça de Queirós**, dois volumes.  
**Fernão Lopes**, três volumes.  
**Frei Luís de Sousa**, um volume.  
**Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.  
**João de Barros**, um volume.  
**Lucena**, dois volumes.  
**Manuel Bernardes**, dois volumes.  
**Paladinos da linguagem**, três volumes.  
**Trancoso**, um volume.

*Em preparação:*

**Camões lírico**, 5.º volume.

Cada volume brochado. . . . . **12\$00**

Cada volume encadernado. . . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

*Um interessante livro para as crianças*

A 2.ª EDIÇÃO  
 muito remodelada

DO

## Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês  
**Benjamin Rabier**

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras  
 no texto, 16 estampas a côres em hors-texte  
 e capa a côres . . . . . **15\$00**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações  
 francesas, inglesas, alemãs: semanais,  
 quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças  
 — Sports — Humorismo  
 — Música — Política — T. S. F. —  
 Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,  
 mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les En-  
 fants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots  
 — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's  
 Ladies Journal — The Lady Fashion Book —  
 Die Dame, etc.*

**JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS**

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## O JÓGO DA MODA

## MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

**Esc. 3\$00**

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
 do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Be-  
 noliel e Dr. Edmundo Adler,  
 com um prefácio do Dr. L. Cas-  
 tro Freire e com a colaboração  
 do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
 volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

FOR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
 351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho—Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones" A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura por- tuguesa, por Aubrey F. G. Bell (tra- dução), br. ....	3\$00
<b>Comentário leve da Grande Guerra:</b>	
I — <i>Europa em guerra</i> (esgotado).	
II — <i>O Homem, lobo do Homem</i> — 304 págs., br.....	10\$00
III — <i>Portugal em Campanha</i> — 299 págs., br.	10\$00
IV — <i>Latinos e Germanos</i> — 319 págs., br.....	10\$00
V — <i>A Carranca da Paz</i> — 316 págs., br. ....	10\$00
<b>Ensaio sobre educação:</b>	
I — <i>Educação e Ensino</i> — 317 págs., br.....	10\$00
II — <i>Casa de Pais, Escola de Filhos</i> — 248 pá- ginas, br.....	10\$00
III — <i>Educar, na Família, na Escola e na Vida</i> — 352 págs., br.....	10\$00
IV — <i>A mãe de todos os vícios</i> — 293 págs., br.	10\$00
<b>Homem (O), a ladeira e o calhau.</b> — br.....	10\$00
<b>Jardim da Europa.</b> — br.....	10\$00
<b>Ler e tresler.</b> — br.....	10\$00
<b>Lição moral e cívica</b> , dada perante os alu- nos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro ani- versário do assassinio do Presidente Sidónio Pais.....	3\$00
<b>O pintor Carlos Reis.</b> — 1 fol. formato grande.....	4\$00
<b>Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica.</b> — 64 págs., br. ....	3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de ALEXANDRE HERCULANO

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
<b>O monge de Cister</b> , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> — 284 páginas, brochado	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal</b> — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
<b>Composições várias</b> — 374 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Poesias</b> — 224 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
<b>Opúsculos:</b>	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
<b>Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem</b> , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2. <sup>a</sup> edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

# A L E M A N H A ENSANGÜENTADA

POR  
AQUILINO RIBEIRO

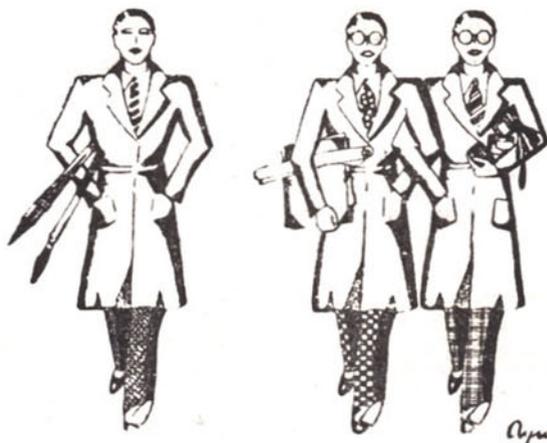
1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada  
do pintor *Roberto*, broch. .... **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por  
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## GRAVADORES

## IMPRESSORES



TELEFONE

# BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveriza-  
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Senhoras! Quereis  
consagrar alguns escudos  
à vossa pessoa?



Que diferença por tão pouco!

Alguns escudos — é pouco — mas o suficiente para marcar um ponto decisivo na sua vida. Hoje, o mundo quere a todo o preço a juventude — a juventude — sempre a juventude! Uma estrela de cinema perde 75% dos seus honorários logo que pareça velha. Ela perde já 50% desde que a sua tez se estrague. O professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena obteve de animais novos, uma maravilhosa substância embelezadora, chamada Biocel, que alimenta e rejuvenesce rapidamente a epiderme. No decurso de experiências de nutrição da pele, feitas pelo Dr. Stejskal em mulheres de 55 a 72 anos, as rugas desapareceram no espaço de seis semanas. (Veja a descrição completa no Jornal Médico de Viena) Em oito horas, produz frequentemente uma transformação da tez das mais surpreendentes — como se tivesse dado um bom almoço a uma mulher faminta e caindo quasi de inanição. A primeira coisa que um cavalheiro lhe observa é a vossa tez. Se esta é feia, é

muito possível que elle lhe não preste atenção. Uma jovem pobre e sem dote tendo desposido um milionário disse que, se não tive-se o sua tez maravilhosa, pensa que seu marido nunca a teria notado entre tantas jovens tão belas. A notável substância embelezadora, descoberta pelo professor Dr. Stejskal está agora contida no Crème Tokalon, Cór de Rosa. Deverá applicá-lo à noite antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a vossa pele durante o sono. O Crème Tokalon, Cór Branca, (não gorduroso), deverá ser empregado de manhã. Contém o crême fresco e o azeite predigeridos. Alimentará a vossa pele durante o dia. Contém igualmente um ingrediente tónico que fecha os poros dilatados, branqueia a pele e torna-a fresca e rija. A' venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon (Secção I. L.) 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

No dia 19 do corrente passa o 1.º aniversário da morte de Brito Camacho.

Um ano! Parece que foi ontem, tão viva é a nossa saudade pela sua amável companhia!

Na sua longa vida de paladino da República deixou tão nobilíssimos exemplos que muito difficilmente poderão ser igualados. Como jornalista, as mais vibrantes colunas do jornal "A Lucta," saíram da sua pena; como escritor, deixou páginas magnificas em trinta e tantos livros que continuam a ser procurados e lidos com avidez; como político, apesar dos ataques que lhe moveram, a sua reputação foi sempre invulnerável.

Um artigo de Brito Camacho era uma granada de gróssio calibre caíndo, terrível e destruidora, no campo inimigo. Um dito seu, soltado em ocasião de bom humor, era uma bicha de rabiar que, metida no colarinho da sua vítima, lhe fazia dar saltos grotescos e ridículos por entre a galhofa da população.

Daí o ser temido e odiado.

Com meia dúzia de linhas fazia desmoronar a mais engenhosa construção de videirinhos; com uma simples frase fulminava a humildade mais apregoada. Depois, limitava-se a rir sarcásticamente contemplando a sua obra. Foi toda a vida assim...

Ah! mas quanto fel lhe inundava a alma amargurada!

Quando os seus inimigos pretendiam feri-lo, não podendo alvejá-lo na sua honra imaculada, nem no seu talento tão pròdigamente demonstrado, aludiam ao desmazêlo do seu vestuário, como se o hábito tivesse alguma coisa com o monge!

Brito Camacho não foi um "dandy," porque teve a infelicidade de perder as únicas mãos desveladas que lhe poderiam corrigir o nó da gravata e cuidar impecavelmente do seu fato — as mãos carinhosas da esposa, a cuja memória se manteve fiel e saudoso até o derradeiro alento. Um alto espirito não se preocupa com atavios de indumentaria. Cícero poderia ter sido Petrónio quantas vezes quizesse; Petrónio é que nunca chegaria a assemelhar-se a Cícero por maior que fôsse a sua ambição.

Brito Camacho definiu-se a si próprio nestas palavras:

"Sou velho e sou burguês, qualidades

que muito me recomendam à má vontade da gente nova. Olho o caminho percorrido, já longo de setenta anos, e constato que a minha mocidade nunca foi

## BRITO CAMACHO

ociosa e que o meu labor nunca foi improfíquo.

"... Casei ainda novo, mas reaccionario, visto ter preferido à união livre o

"... De ser velho já ninguém me livra, e pois que não me ocorreu matar-me quando comecei a envelhecer, peço á gente nova que me desculpe, aceitando generosamente o meu *poenitet*.

"O que tenho adquirido adentro das normas estabelecidas do Direito e da Moral, normas que eu não estabeleci, e cuja reforma estou pronto a aceitar, se obedecer a alto sentimento de justiça.

Brito Camacho, nos seus últimos tempos, quando revia as provas dos seus "Contos selvagens," tinha a noção do seu estado físico.

— E' este o meu último livro — disse-nos êle, certa tarde, na Livraria Guimarães & C.ª — vamos a vêr se terei tempo de o acabar.

— Ora, o dr. ainda ha de escrever mais alguns.

— Obrigado pelo ânimo que pretende dar-me, meu caro amigo — respondeu êle com tristeza — mas o médico, hoje mais do que nunca, sou eu...

Depois, tomando alento, chalaçou:

— E daí — quem sabe? — pode ser que o Padre Eterno se digne receber-me condignamente.

— Não se esqueça do pontapé que prometeu ao João Chagas.

— Não terei o prazer de cumprir a promessa porque êsse deve estar há muito nas profundas do Inferno. Como estou convencido de que vou para o céu...

— Bravo! isso é que é ter certeza na salvação da sua alma!

— Cá tenho as minhas razões... É que o Padre Eterno acaba de dar-me uma prova da sua amizade. Eu lhe conto: há dias, como sabe, estive a ir-me desta vida com armas e bagagens. Os meus colegas médicos chegaram a torcer o nariz. E francamente não me convinha nada

morrer naquela altura, embora há muito tempo estivesse armado e equipado para a grande marcha. É que tinha morrido o Coelho de Carvalho e não me agradava a sua companhia. Felizmente o padre Eterno adiou-me o trespassse... Este favor lhe devo...

E saíu, após uma despedida mais afectuosa e efusiva que a habitual. Foi a última vez que lhe falamos. Recolhendo a sua casa, faleceu.

Faz agora um ano — e parece que ainda foi ontem!

Gomes Monteiro.



Brito Camacho  
(Visto por Teixeira Cabral)

contrato matrimonial, servindo-me de atenuante, talvez, o facto de ter dispensado a Igreja de intervir no meu casamento.

"... Sempre republicano, intransigente nos princípios e tolerante nos actos, puz ao serviço da causa republicana todo o meu valimento, que era pouco, e toda a minha vontade que era inexcedível, não me poupando a trabalhos, não fugindo aos perigos, sem calculos interesseiros, mais não fazendo porque mais não podia.



O grande explorador submarino prof. William Beebe

DE todos os domínios da Criação, é o das águas aquele que o homem conhece mais imperfeitamente. Tantos são os obstáculos que se opõem à exploração do mundo líquido que os progressos da ciência só duma maneira bastante limitada se fazem sentir.

Há apenas algumas dezenas de anos que se tenta deavassar por meio de dispositivos mecânicos o abismo das águas, até então só entrevisto pelos mergulhadores em busca de esponjas ou ostras periferas. O escafrandro e o submarino têm sido os instrumentos empregados para esse fim. Mas a um e a outro dá-se, geralmente, aplicação diversa duma pesquisa científica ou duma satisfação de curiosidade. O submarino é, essencialmente, arma de guerra e pou-

cas mais aplicações lhe têm sido dadas. Quanto ao escafrandro, é raro que seja empregado mais que em trabalhos de salvamento ou na recuperação de tesouros naufragados. Por isso, a despeito, de todo o progresso da ciência, o mundo submarino continua ignorado e as suas belezas desconhecidas para a quasi totalidade dos mortais.

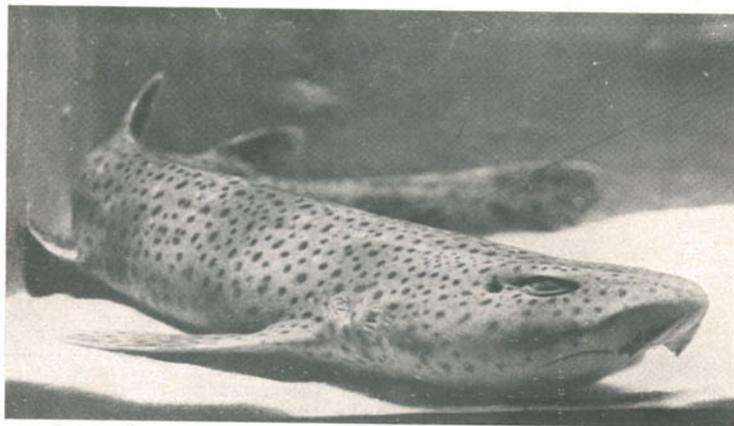
Quanto maior é a profundidade mais denso é o mistério que envolve as manifestações da vida. Existem seres animados 3.000 ou 4.000 metros abaixo do nível do mar. Nas suas mais audaciosas imersões o homem nunca atingiu os 1.000 metros. Já aqui nos referimos em tempo às arriscadas explorações do prof. William Beebe, que dentro do seu submarino esférico «Bathysphere» atingiu o «record» do mundo da profundidade descendo a 900 metros, perto das ilhas Bermudas. Para além desse limite a audácia humana defronta dificuldades quasi insuperáveis. E, no entanto, tem ainda perante si um dilatado domínio a explorar.

Poderia supor-se que, em contraposição os «altos-fundos» são de sobejo conhecidos. Na realidade não é assim.

Entende-se por «altos-fundos» os pontos do solo submarino cuja profundidade vai só até cerca de vinte metros. A descida a essa profundidade é relativamente fácil e qualquer mergulhador dotado de condições medianas pode tentá-la com facilidade.

Recentemente, diversos entusiastas têm procurado lançar as raízes dum novo desporto que pode, simultaneamente, vir a ser um precioso auxiliar da ciência. Trata-se das excursões submarinas a pequena profundidade, de que o próprio dr. William Beebe é um grande propagandista. Outros nomes de prestígio como o dr. Jean Painlevé estão ligados a esse movimento, que adquire de dia para dia maior extensão.

De que carece o explorador submarino? De pouca coisa — um capacete de cobre com uma chapa de vidro forte a guarnecer-lhe o rosto, um tubo de borraça e uma bomba de ar vulgar. Uma



A moréia, belo peixe de pele mosqueada

## Passeios pelo fundo do mar

### A exploração submarina a pequenas profundidades

escada de corda ser-lhe-há muito útil. Mas na sua falta, poderá contentar-se com uma corda de nós.

Este material tão simples é quanto basta para realizar com pleno êxito uma imersão, dado que se possuam condições de resistência de física medianas.

Quando penetra sob as águas o explorador tem perante si um mundo novo, que nada tem de comum com o que até essa época impressionou os seus sentidos. Imaginemos que pode realizar as suas imersões em águas equatoriais — no Oceano Pacífico, por exemplo. Ante os seus olhos deslumbrados, estendem-se as vastas ramificações dos corais. A princípio dir-se-iam ramos secos duma floresta petrificada. Mas a breve trecho, o mergulhador começa a reconhecer uma vida prodigiosa. Milhões de protozóários constroem esses maravilhosos abrigos calcáreos para neles procurarem refúgio contra os seus numerosos inimigos. Por toda a parte as anemonas do mar abrem as suas corolas de tentáculos vibráteis que flutuam na água à espera da presa. É mal daquela que se aproxima inconsideradamente da terrível flor-animal. Não tardará que fique prisioneira desses tentáculos, que seja morta e devorada.

Na opinião dos que praticam a imersão deste género, nenhuma experiência terrena pode servir de termo de comparação para este mundo desconhecido, povoado por uma multidão inumerável de seres de formas caprichosas. Tudo ali é inédito, estranho, tentador, tudo ali seduz a atenção e a curiosidade do espírito mais alheio às ciências naturais.

Como é natural, as primeiras imersões são dominadas pelo sentimento do perigo. O mergulhador evoca a cada passo as terríveis aventuras de que a literatura lhe transmitiu o relato mais ou menos fantasioso. Nas águas tropicais pensará a todo o momento no tubarão, e ao contemplar a feérica paisagem submarina não poderá deixar de estremecer de horror ao pensar no polvo gigantesco de que nos fala Vítor Hugo em «Os homens do mar».

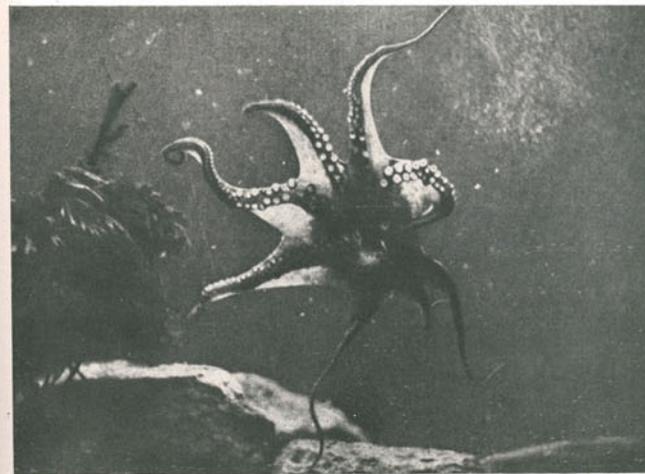
Estes perigos estão, porém, longe de serem inteiramente reais. O prof. Beebe, por exemplo, a quem uma longa convivência com os monstros aquáticos dá incomparável autoridade, assegura que o tubarão não é perigoso para o explorador munido de capacete. O aspecto extra-

nho do mergulhador deve impressionar o feroz peixe, que nunca o ataca e que se apresta a fugir logo que presente hostilidade por parte desse novo habitante das águas.

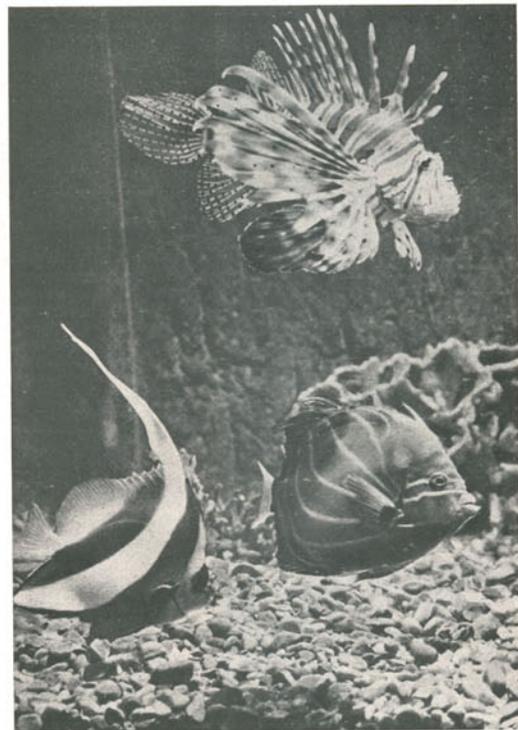
Os mais requintados prazeres estão reservados a quem se decide a dedicar momentos de ócio a esta admirável tarefa que é a exploração dos «altos-fundos» submarinos. Supunhamos que o explorador empreende criar um maravilhoso jardim onde nada mais existe do que um fundo de areia. Só tem de trazer para o sítio escolhido ramos de coral apanhados noutro pontos. A breve trecho, as anemonas do mar ter-se-ão instalado ali também, extensas algas flutuarão mansamente enredadas nos polípeiros e uma nova cidade submarina povoada pelos seres mais diversos ocupará o local outrora ermo.

Se o explorador é simultaneamente um artista pode satisfazer a um tempo as suas duas predilecções. Existem tintas especialmente preparadas para pintar de baixo de água e a única precaução a tomar consiste em pôr o lastro necessário à paleta e ao cavalete para impedir que flutuem. Aparte isso só terá de se ocupar em afugentar um ou outro peixe atraído pelo cheiro das tintas. Se preferir os desenhos a lápis limitar-se-á a amarrá-lo fortemente pois de outro modo a madeira tenderá a flutuar ao passo que a plumbagina vai para o fundo, onde uma multidão de peixes se lança avidamente sobre ela, julgando-a uma valiosa presa. Para o mergulhador que

O polvo terror dos mares



Três fantasias da fauna submarina



prefira a fotografia ou o cinema, o problema pouco mais complexidade reveste. Uma caixa estanque provida de vidro numa das faces, onde se introduza o aparelho fotográfico ou de filmar, é quanto basta. O modo de o accionar do exterior é um problema que qualquer pessoa medianamente enredada nos polípeiros e uma nova cidade submarina povoada pelos seres mais diversos ocupará o local outrora ermo.

Se o explorador é simultaneamente um artista pode satisfazer a um tempo as suas duas predilecções. Existem tintas especialmente preparadas para pintar de baixo de água e a única precaução a tomar consiste em pôr o lastro necessário à paleta e ao cavalete para impedir que flutuem. Aparte isso só terá de se ocupar em afugentar um ou outro peixe atraído pelo cheiro das tintas. Se preferir os desenhos a lápis limitar-se-á a amarrá-lo fortemente pois de outro modo a madeira tenderá a flutuar ao passo que a plumbagina vai para o fundo, onde uma multidão de peixes se lança avidamente sobre ela, julgando-a uma valiosa presa. Para o mergulhador que

vezes no mesmo sítio, que a paisagem se nos tenha tornado familiar, que saudemos cada peixe como um companheiro, chegou o momento de descer numa bela noite estrelada. Escolhei uma

noite em que a água esteja fosforescente e descei docemente ao longo da escada. No momento em que os vossos olhos se encontrem logo abaixo da superfície do mar, a iluminação das ondulações da água excede toda a imaginação humana. A primeira vez que se chega ao fundo tem-se a impressão de estar numa completa obscuridade; só uma ligeira claridade desce da superfície e a quilha do barco parece de prata fundida. Mas em breve a vista se adapta e o nosso pequeno mundo começa a encher-se de vias lacteas, de constelações, de meteoros e de cometas brancos e azulados. Pouco a pouco conseguimos explicar a razão de todas estas luzes. Alguns habitantes do mar, como as medusas, têm luz própria, mas todos os outros são indirectamente iluminados. Cada um dos seus movimentos provoca a cintilação de animáculos microscópicos. De vez em quando a passagem dum peixe grande ilumina todo o recife, as fendas, as ramarias flutuantes e nós distinguimos todos os outros pormenores avisados no decurso das imersões diurnas. Mais uma vez, só podemos ficar mudos, conservarmo-nos ali e contemplar, a fim de nos recordarmos mais tarde de todas estas maravilhas que nos darão o desejo de recomençar o mais cedo possível.

Vagamente ficamos fazendo uma ideia das maravilhas da paisagem submarina.



A formosa cabeça da estátua de Francisco Franco

A Santa rainha Leonor, martirizada esposa de D. João II, vai ter um monumento condigno nas Caldas da Rainha, graças ao fervor dos seus devotos e ao cinzel inspirado do escultor Francisco Franco.

Houve quem afirmasse que, à semelhança do que sempre acontece com as demonstrações de gratidão, este piedoso tributo à memória da bondosa soberana veio tardiamente.

Não é verdade. A rainha Leonor tinha há muitos anos o seu mais belo monumento levantado, não só nas Caldas da Rainha, mas no país inteiro. Teve até a alegria — se algumas alegrias foi dado ter à desventurada princesa — de ver levantar o seu monumento em vida.

Querem mais excelso monumento que a obra das Misericórdias?

Para que servem as estátuas? Para recordar às gerações que existiu alguém que bem mereceu da Pátria?

Em cada um dos beneméritos estabelecimentos de caridade espalhados por todo o Portugal, a caridosa esposa de D. João II tem a mais enternecida evocação.

José Malhoa, retratando-a com todo o carinho, ou Francisco Franco, esculpindo-lhe a figura com todo o engenho, não fizeram mais do que retratar vagamente um feito sublime saído das mãos de Deus.

O povo das Caldas da Rainha vai deliciar os olhos com uma bela peça escultórica que há séculos trazia no coração. A rainha Leonor ficará com mais um retrato como a Virgem-Mãe ao surgir na deliciosa tela de Murillo.

Da grandeza da alma dessa rainha misericordiosa é que nenhum artista poderá fazer o retrato por mais engenho que possua!

Conhecendo o sofrimento, a rainha Leonor soube, como ninguém, compreender as dores alheias — e levou a sua vida a dar-lhes lenitivo.

## O monumento à rainha D. Leonor nas Caldas da Rainha

A sua acção caridosa foi mais longe do que a da esposa de D. Diniz que a Igreja canonizou. No regaço de Santa Isabel diz a lenda que o oiro das esmolas se transformara em rosas para iludir a avareza do soberano. Mas, diz uma outra lenda não menos interessante que o rei receava a esposa, esgueirando-se a horas mortas, como um colegial vicioso, para a Aldeia de Amor onde o esperava certa mulher que o enfeitiçara com os seus encantos. Sabedora destas infidelidades, Santa Isabel mandou iluminar com archotes todo o caminho escuro por onde el-rei teria de passar. Este surpreendido por um tal desacato à sua real dignidade, deitou as mãos às gúelias dum dos encarregados da irritante missão, gritando-lhe:

— Quem te autorizou a uma tal acção, miserável?

Surgiu então Santa Isabel que, serenamente, respondeu:

— Fui eu, senhor. Andavas tão cego por estes caminhos que julguei prudente iluminá-los para vossa comodidade.

E D. Diniz, aceitando a reprimenda, voltou ao palácio murmurando desculpas junto de sua esposa.

D. Leonor nunca teve essa ventura. A sua vida com o marido foi um suplício constante. Casara com um verdugo que depois de lhe esmagar a mocidade, a feria selvaticamente no seu coração de irmã, apunhalando junto dela o duque de Vizeu.

E, como se não bastassem tantas amarguras, vê morrer o filho vítima dum desastre. Seguiu então para as Caldas e ali se devotou a obras de caridade. Queria estar em contacto com os que sofriam, queria valer, tanto quanto possível, aos desprotegidos da fortuna. Seriam seus irmãos na desventura, enquanto el-rei, que tudo podia, não se lembrasse de os apunhalar.

Um dia, a piedosa soberana reconsiderou na sua obra de benfazer. Quando a morte chegasse junto dela a terminar uma tão dolorosa jornada pelo mundo — e não viria muito longe esse dia! — quem ficaria a proteger os seus pobresinhos? Era preciso deixar-lhes uma garantia que perdurasse através dos séculos — e fundou as Misericórdias. Os desprotegidos teriam, além do hospital caldense,

o amparo da instituição mais benemérita que um anjo poderia conceber.

Enternece-nos a lenda do «oiro a tornar-se em rosas nessas eras milagrosas» que só um prodígio de caridade poderia realizar. Grande seria a bondade dessa virtuosa soberana que dedicou a sua passagem pelo mundo a espalhar a paz entre os guerreiros dispostos às mais terríveis carnificinas, e a levar o lenitivo aos desventurados sem arrimo. Entre os pavorosos flagelos da fome, da peste e da guerra aparecia sempre a Rainha Santa como uma visão celeste a distribuir benefícios com a sua abada de flores que colheira no perfumado canteiro da sua fé, embora as suas mãos sangrassem...

Ah! mas as rosas do regaço da rainha Leonor continuam tão viçosas, após centenas de anos, como no primeiro dia!

Que mais belo monumento poderia ter a santa rainha Leonor?

Caldas da Rainha, no entanto, querendo manifestar a sua gratidão à memória da sua benfeitora, inaugura-lhe uma estátua, para que todos saibam os nobres sentimentos que palpitam no seu coração agradecido.

O seu culto pela rainha que tanto lhe quis, com ou sem monumento, continuará perene, eterno e imorredouro.



Rainha D. Leonor

# Hereje e Santo

**H**Á quatrocentos e oitenta e três anos — vai fazê-los em 21 do corrente — nasceu em Ferrara o famoso Savonarola que foi uma das mais formidáveis figuras do seu século. Seu pai destinava-o à carreira da medicina, embora o pequeno, sempre meditabundo e taciturno, manifestasse uma tendência especial para a vida mística.

Entretanto, ia profundando a filosofia de Aristóteles e Platão.

Um dia — tinha êle vinte e dois anos de idade — ouvindo um prægador num dos seus sermões, ficou tão impressionado com a eloqüência dispendida, que fugiu da casa paterna, indo acolher-se num convento de dominicanos de Bolonha.

Aos trinta anos, fez a sua estreia como orador sagrado na igreja de Santa Maria de Florença, mas, ao contrário do que esperava, o seu sermão não produziu o menor efeito.

Teria errado a vocação?

Partindo para Bréscia, travou ali relações com o célebre Pico de Mirandola que o elevou a prior de S. Marcos.

Nisto, Savonarola apercebeu-se da corrupção dos sacerdotes, e rugiu ameaças terríveis baseadas nas visões do Apocalipse.

Aparecia um novo profeta que não ficava atrás da violência de Isaías e Izequiel.

Em Florença, voltou ao púlpito, mas desta vez arvorado em inquisidor dos seus próprios superiores. Não o inflamava o ódio contra os ímpios, exasperava-o a hipocrisia daqueles que, devendo dar o exemplo da humildade, da ternura e da isenção como Jesus, se embrenhavam numa vida devassa, cheia de crueldades e extorsões. Predisse grandes catástrofes para a Itália. Caiu a fundo, não só sobre os vícios dos Médicis, predizendo a próxima morte do autocrata Lourenço que então governava a Florença. Reformou e disciplinou a ordem de S. Marcos, e foi o chefe da embaixada florentina, quando Carlos VIII teve a coragem de entrar na Itália sublevada.

Nada o detinha na sua marcha dominadora. Savonarola era como um tuvão que devastava cidades, vilas e aldeias. Consultado acêrca da nova organização política, optou pela república teocrática.

No púlpito, continuou nos seus ataques aos falsos cristãos, especializando o famoso César Bórgia que então se sentava na cadeira pontifícia com o nome de Alexandre VI. Calcula-se a impetuosidade dêsse novo Juvenal tonsurado. O Papa, prevendo o perigo, convidou Savonarola a ir a Roma justificar as suas acusações. Êste, prevendo uma cilada que se poderia resumir entre dois processos — o punhal e o veneno — negou-se a comparecer na Cidade Eterna. Em face desta desobediência, o Papa proibiu-o de prègar, mas Savonarola, colocando-se acima do vigário de Cristo na terra, desprezou tal proibição.

A sua voz continuava, atroadora, através da Florença, da Itália, do mundo inteiro.

Os Médicis é que não perdoavam as ofensas recebidas, urdindo, portanto, uma teia para o perder. Savonarola dava a impressão dum novo Baptista ao qual era necessário cortar a cabeça, quer isso agradasse ou não ao novo Herodes Antipas que nessa altura reinava.

Com efeito em 12 de Maio de 1497, o Papa lançava a excomunhão sobre o turbulento frade que teve a coragem de a declarar nula, continuando a celebrar missa, a prègar e a atacar violentamente o Pontífice que deslustrava o trono de S. Pedro. No ano seguinte, o Papa proibiu-o de prègar, usando de todo o seu poder. Savonarola, enchendo-se de coragem, subiu ao púlpito pela última vez, e voltou a trovejar as suas terríveis ameaças contra Roma. Deu-se então um episódio próprio daquela época. Francesco Apulia, inimigo figadal de Savonarola, propôs sujeitar-se à prova do fogo, estando pronto a colocar-se sobre as chamas para provar que a excomunhão papal era justa e legítima.

O frade aceitou. No dia 17 de Abril de 1498, tôda a população da Florença correu a presenciar o horroroso espectáculo. O programa tinha sido ampliado com a entrada de mais dois fanáticos. Portanto, além de Francesco de Apulia, sujeitar-se-iam à prova do fogo, Rondinelli, e o dominicano Domínico, partidários de Savonarola. Suscitou-se porém acalorada discussão ante o propósito de Rondinelli querer entrar na fogueira abraçado a um crucifixo. Não podia ser assim, pois deveria entrar no fogo sem o menor resguardo ou auxílio. Quando os faná-



Savonarola

ticos se dispuzeram a entrar nas labaredas, desencadiou-se um terrível temporal que apagou a fogueira e fez dispersar os espectadores. Perdera-se o melhor. A multidão, não perdoando vêr gorado o seu prazer, voltou-se contra Savonarola, acusando-o de falso profeta.

Nessa mesma tarde rebentou uma revolta fomentada pelos aristocratas e pelas ordens rivais dos dominicanos.

Savonarola foi arrancado do seu convento e atirado para um cárcere, sendo nomeada uma comissão de 18 membros para lhe instaurar o processo. Foi submetido à tortura. Não se retratou, porém, deixando queimar, com uma firmeza estóica, a mão direita que lhe tinham colocado sobre um braseiro. Declarado hereje e cismático, foi condenado a ser queimado vivo, sendo esta sentença extensiva aos seus companheiros frades Domínico e Silvestre.

No dia 23 de Maio de 1498 foi efectuada a execução, sendo as cinzas atiradas ao rio Arno.

Tempos depois, operou-se uma violenta reacção a favor da memória do mártir, tendo o papa Paulo III declarado herético todo aquêle que atacasse a memória do glorioso prægador. Paulo IV, após um minucioso exame das obras de Savonarola, considerou-as puras e modelares.

Finalmente, o papa Benedito XII foi mais longe do que os seus antecessores — e canonisou-o.

Embora tardiamente, foi feita justiça às límpidas intenções do terrível prægador que ia pregando em terra com a autoridade papal. Quando o fogo lhe fazia rechinar as carnes, Savonarola dizia aos seus algozes: — “Não sou eu que estou arrendo, mas a tiara pontifícia!”

E, em boa verdade, nesse tremendo atentado, quem mais sofreu foi Alexandre VI. Savonarola, apesar de cremado, continua a triunfar através dos séculos e das gerações.



Savonarola na prisão



Carlos IX da França

velhos de aspecto grave e severo que, em passos lentos, se dirigiram ao estrado onde o duque os esperava com impaciência.

— Que dizes, sábio Basílio? — perguntou o príncipe ao que parecia presidir àquele interessante conselho — chegaram a um acordo? Minha filha será feliz?

O velho vacilou na resposta.

— O destino dos mortais — disse — não depende de quem o consulta. Muito desejariamos, senhor duque,

que, traduzir para a vossa filha um horóscopo tão favorável como merece, mas...

— Mas, quê?!

— É que o destino é inexorável, e o que escreveu, escreveu... Nada ha que possa modificar as suas deliberações. Portanto, o futuro da princesinha Catarina de Medicis, vossa filha, não será como nós desejaríamos com todas as veras da nossa alma.

— Fala, sábio Basílio, fala sem rodeios, pois terei coragem para ouvir tudo o que me revelares. Compreendo muito bem que nem tu nem os teus companheiros podem ter culpa das fatalidades que nos ameaçam. Fala, portanto, com a maior confiança.

— Pois bem, senhor — declarou o ancião mais sossegado — vou revelar-vos o que sondamos no destino de vossa filha. Deveis reter sempre as minhas palavras:

Medalha comemorativa do Saint Barthelemy (verso e reverso)



O PODE DO DESTINO

A França conquistando Catarina de Medicis tornou-se vítima das maiores calamidades

Essa criança tão inocente e tão pura ha de arrastar uma existência de crimes e de intrigas que a sua desmedida ambição lhe inspirará. No entanto, a vossa família nada terá a recear, e a República de Florença poderá continuar tranquila. Os males alastrarão mais longe. Ai! da nação que abrigar esta princesa no seu seio! Será ferida de morte! Eis o que o destino nos revelou. E isto, poderoso duque, é a expressão da verdade!

Estas palavras ecoaram lugubrememente naquele silêncio sepulcral. O duque voltou-se ainda para os outros velhos, na esperança de surpreender nas suas fisionomias algum vago sinal de dúvida ou desaprovação, mas todos se inclinaram, manifestando assim o seu assentimento unânime às palavras do sábio Basílio.

Estava escrito! A família dos Medicis celebrou um conselho secreto, afim de ser estudado um meio de evitar as desgraças anunciadas pelo terrível horóscopo. Que os quatro sábios tinham falado verdade, disso ninguém se atrevia a duvidar.



Medalha de Catarina de Medicis

Após larga discussão, foi resolvido que a princesa Catarina ficasse condenada ao celibato perpétuo. Talvez assim ficasse atenuado o rigor da profecia. Mas a vontade do destino é mais forte do que a dos homens.

Vinte e um anos depois, um exército espanhol enviado pelo papa Clemente IV — um Medicis — sitiava Florença. Começou uma luta sangrenta em que os homens excederam a crueldade das feras. Por fim, os florentinos, revoltados contra os Medicis, conseguiram expulsá-los em 1527, com excepção da princesa Catarina que se encontrava recolhida num convento. Pouco depois, Florença teve de submeter-se, e a princesa recuperou a sua liberdade com a vitória dos seus.

Carlos V, cujas tropas acabavam de devolver a cidade aos Medicis, pretendeu como recompensa a mão da princesa Catarina, cuja beleza o atraía. O Papa, ocultando o motivo da sua resolução, recusou tenazmente. No seu íntimo entendia que seria re-

matada ingratidão meter na côrte do seu protector a vibora que o havia de morder no seio.

Francisco I, da França, fez idêntico pedido para o seu filho Henrique, e, com grande espanto de todos, foi atendido. Carlos V, irritado com o estranho procedimento do pontífice que lhe retribuía por tão indigna maneira o valioso auxílio que lhe prestara, escreveu-lhe uma carta protestando contra a ingratidão e queixando-se amargamente de tão injusta preferência. O papa respondeu com a maior afabilidade, salientando todo o carinho, tódá a amizade e tódá a gratidão que sentia pelo seu poderoso auxiliar. Concluiu a carta por dizer que, concedendo a mão de Catarina ao filho de Francisco I, "presenteara a França com uma série de tumultos e calamidades arripiantes".

Com efeito, a entrada da princesa em Fontainebleau foi assinalada por verdadeiras catástrofes como a derrota de Pavia, o vergonhoso tratado de Crespy e tantas outras que abreviaram os amargurados dias do soberano francês. Subindo ao trono Henrique II, Catarina de Medicis julgou ter atingido a sua ambição suprema: ser rainha. Havia, no entanto, um obstáculo a vencer, visto a verdadeira soberana ser a orgulhosa favorita Diana de Poitiers que punha e dispunha do coração e poderes do seu régio amante. Desejando a sua tática traiçoeira, Catarina de Medicis fingiu-se amiga da sua rival, e tão habilidosamente desempenhou o seu papel que a favorita chegou a consagrar-lhe uma profunda amizade!

Tempos depois, Henrique caía ferido de morte num torneio, acabando-se desta maneira o poderio de Diana de Poitiers. Catarina de

Medicis triunfava, por fim, como seria de prever.

Os filhos de Henrique II reinaram sucessivamente sob a tutela de sua mãe. O mais velho, Francisco II, ocupou o trono durante poucos meses, tendo deixado uma tristíssima memória para os seus 17 anos, idade em que desceu à sepultura. Sucedeu-lhe seu irmão Carlos, sob a regência de Catarina de Medicis.

Surge a carnificina de Vassy que foi o sinal de hostilidades entre católicos e protestantes, seguindo-se a guerra civil.

A regente e o seu filho planearam então a horrorosa matança de Saint Barthelemy. Este espantoso crime resultou inútil como todos os crimes. Os huguenotes, passado o primeiro momento de estupefacção, retomaram as armas em várias cidades com uma tal raiva de desespero que o exército real sentiu bem os seus ímpetos nos cercos de Sancerre e da Rochela.

Em dado momento, Carlos IX, saciado de sangue, tenta fugir a influência de sua mãe, e escreve ao duque de Anjou, então comandante do cerco da Rochela, aconselhando-lhe brandura e clemência.

Pouco tempo durou. Parece que o destino se encarregava de afastar todos os obstáculos que se opunham à vontade suprema, indomável e sanguinária de Catarina de Medicis. A Carlos IX sucedeu seu irmão Henrique III, sempre sob a tutela de sua mãe...

Por aqui se verifica que os malfícios do horóscopo de Catarina de Medicis, revelados no dia do seu nascimento pelo sábio Basílio ao duque de Florença, tinham fundamento.

"Ai! da nação que abrigar esta princesa no seu seio!" — dissera o sábio.

E Catarina de Medicis foi a maior ca-



Catarina de Medicis

lamidade que poderia pesar sobre a França.

Afirmou-se que Catarina de Medicis, à semelhança da última tzarina da Rússia, da rainha Victória de Espanha, e de muitas outras princesas, transmitia o terrível mal da hemofilia aos seus filhos varões. Foi esta uma das razões que afastava Henrique II do convívio de sua esposa, para ir desabafar as suas máguas junto da favorita Diana de Poitiers. Pois era tal o poder de sugestão de Catarina de Medicis, que a ingénua Diana, acreditando na dor que a esposa desprezada patenteava tão ao vivo, era a primeira a instar junto do amante, para que este não faltasse à sua mulher legítima com o carinho a que esta tinha direito, e a desistir da sua ideia de divórcio!

Por aqui se avalia o formidável poder da terrível Catarina de Medicis de cujos malfícios o Papa salvou Carlos V.



Of noite de Saint Barthelemy

# HUMORISMO

Um judeu é obrigado a partir repentinamente para uma longa viagem, antes de ser pronunciada a sentença num processo por perdas e danos que um cliente lhe moveu. Como a questão o interessa muito, pede ao seu advogado que lhe comunique a decisão do tribunal com a máxima urgência possível. Dias depois realiza-se o julgamento e o judeu é absolvido por falta de provas. O seu defensor apressa-se a telegrafar-lhe:

“Triunfou a justiça”.

Ao que ele responde com outro telegrama:

“Apele imediatamente da sentença”.

Procópio foi consultar uma cartomante e veio apreensivo. No caminho para casa encontrou um amigo que inquiriu o motivo das suas preocupações.

— Uma bruxa disse-me que minha mulher casaria primeiro com um homem insignificante de quem ficaria viúva, e depois contrairia segundas núpcias com outro muito inteligente e elegante.

— E que te importa isso? Para mais nessa altura já não estás vivo.

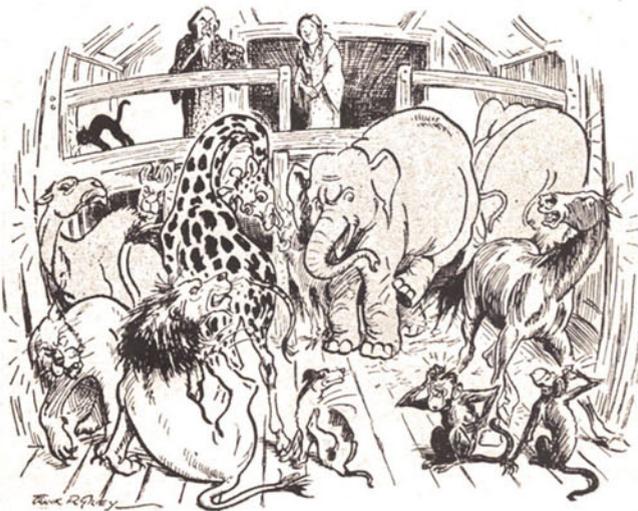
— Não é nada disso. Se isto é verdade é porque minha mulher era já viúva quando casou comigo e nunca me disse nada.

— Mas, João, não compreendo porque te opões a que eu faça exercício para emagrecer.

— É simples, minha querida. Amo-te tanto que não posso suportar a ideia de perder dez gramas teus que seja.

Havia já uma boa meia hora que ela fazia ao marido os mais azêdos comentários sobre a sogra e as cunhadas.

— Mas, minha querida — atalhou ele por fim, já impaciente — Não tens nada



Noé para a esposa: É impossível que não tenham entrado para a Arca mais de duas dessas malditas pulgas.

de simpático para dizer a respeito da minha mãe e das minhas irmãs?

— A única coisa que me lembro é que se opuseram ao nosso casamento.

Num restaurante, o cliente dirigindo-se ao criado:

— Estas ostras são muito pequenas...

— Sim senhor!

— E além disso, não me parece que estejam muito frescas.

— Nêsse caso é bom que sejam pequenas, não acha?

A dona da casa entrando inesperadamente:

— Parece impossível, Maria! Nunca pensei que recebesse um homem na cozinha...

— Que quere, minha senhora. Ele é tão acanhado que não houve maneira de convencê-lo a ir para a sala.

— Anda cá! — disse o pai severamente.

— O pai vai castigar-me? — perguntou o filho receoso.

— Vou. Não te disse esta manhã que queria ajustar contas contigo por causa das tuas desobediências?

— Ah! Julguei que fôsse brincadeira como quando diz ao alfaiate que quere liquidar a conta dêle.

— Segui o teu conselho — diz o Simplicio para um amigo — Disse a minha mulher que daqui por diante quem mandava em casa era eu.

— Ora muito bem. Assim já podes levantar cabeça...

— Posso. Mas ainda a tenho bastante dorida...

Após um banquete, um grupo de homens da sociedade conversa animadamente. É a altura dos charutos e licores. Um dêles interrompe a conversa para dizer:

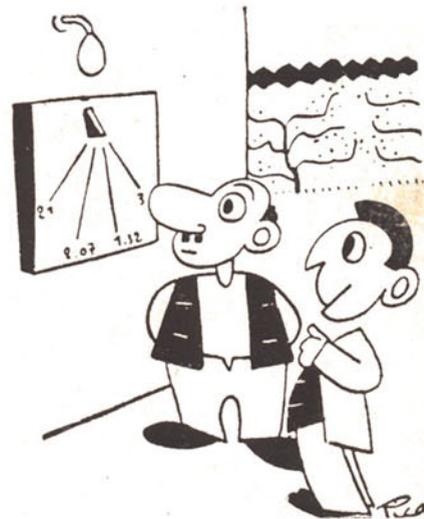
— Por amôr de Deus, nunca acendam três cigarros com o mesmo fósforo. É uma coisa que me contende com os nervos.

— Então você — objectam-lhe — homem cultivado, moderno, sem preconceitos, é supersticioso?

— Não sou. Mas sou administrador duma fábrica de fósforos.

A professora interroga um dos alunos:

— Onde se encontram os elefantes?



— Foi uma ideia minha. Mandei pôr esta lâmpada electrica por cima do relógio solar para os dias em que não haja Sol.

O interpretado reflete um momento e responde:

— Não é preciso...

— Não é preciso?!

— Não. São tão grandes que nunca chegam a perder-se.

Ele: E achas que teu pai se zangará quando souber que estás noiva?

Ela: Não. Fica sempre muito satisfeito.

— E esta operação será perigosa, doutor?

— Que ideia! Por um conto de reis não faço operações perigosas.

Conversa entre noivos:

Ela: Quando formos casados ficarás em casa á noite?

Ele: Certamente. Mas que importância tem isso?

Ela: É que se saisses quem havia de atender o telefone e ir abrir a porta?

— E que tal vai êsse teu *flirt* com a filha do banqueiro?

— Julgo que vai bem. Ontem fiz-lhe mais uma declaração e ela disse que me respondia “não!” pela última vez.

— Foi um disparate teres dado uma gorjeta tão grande no bengaleiro.

— Pois sim. Mas repara no sobretudo que me deram.

— Para que foste dizer ao teu amigo José que tinhas casado comigo por eu ser uma excelente cozinheira? Bem sabes que eu mal sei fazer um bife.

— Compreendes... Preciso de arranjar uma desculpa.

— Que disse ele que tu eras?

— Lacónico.

— Que quere isso dizer?

— Não sei. Mas pelo sim, pelo não, parti-lhe a cara.

# A VENTURA DOS LOUCOS

Os loucos são torturados pelas aflições que dilaceram os seres conscientes? O seu riso alvar não traduz um estado de satisfação completa?

Camilo Castelo Branco, alanceado pela visão dum filho doido, desabafava ao considerar-se mais infeliz do que ele. Ao menos, o seu querido Jorge, vivendo alheado das preocupações da vida, ainda tinha vista para contemplar as belezas do Universo. Para Camilo, o ser cego era bem pior do que ser doido.

Ele próprio o afirma no seu formosíssimo soneto:

*Constantemente vejo o filho amado  
Na minha escuridão, onde fulgura  
A extática pupila da loucura,  
Sinistra luz dum cérebro queimado.*

*Nas rugras do seu rosto macerado  
Transpira a cruciantíssima tortura  
Que escurentou na pobre alma tão pura  
Talento, aspirações... tudo apagado!*

*Meu triste filho, passas vagabundo  
Por sobre um grande mar calmo, profundo,  
Sem bússola, sem norte e sem farol!*

*Nem gózo nem paixão te altera a vida:  
Eu choro sem remédio a luz perdida...  
Bem mais feliz és tu que vês o sol.*

Em boa verdade, o louco era bem mais feliz, mesmo que não tivesse a faculdade de ver a luz do Astro-Rei. Se fôsse cego, o doido continuava a gosar da sua felicidade. Bastava-lhe a sua inconsciência. Os desgraçados são os que pensam no dia de amanhã, estabelecendo cálculos sobre a maneira de sustentar uma família numerosa sem recursos de qualquer espécie. Os loucos não se preocupam com essas coisas. Vivem num êxtasi de serenidade, sem gosos, sem paixões, sem ambições e sem altos planos.

Em várias religiões, os loucos foram considerados santos e dignos de todo o respeito.

Na gravura que publicamos — desenhada e

gravada por R. Ransonette em 1809 — apresenta-se a cerimónia da tradicional Festa dos Loucos celebrada em Viviers e em várias outras cidades, no dia 1.º de Janeiro e na comemoração dos Reis Magos. Na Idade Média, esta festa chegava a realizar-se nos próprios templos sem que estes ficassem interditos. A explicação da gravura é feita por meio de letras. Assim, A, é o celebrante; B, o clero; C, um farçante comendo carne roubada do altar; D, outro farçante jogando aos dados sobre a ara sagrada; E, um falso clérigo queimando coiro no turíbulo em vez de incenso; F, um mascarado disfarçado em leão apostrofando os chantes; G, os levitas ou diáconos dançando; H, os falsos padres nos seus bailados; I, os sub-diáconos; K, várias crianças; L, um «jongleur», e M, vários mascarados.

Agora a consagração dos loucos faz-se de maneira diversa. Os jornais informam que uma pobre mulher atacada de alienação mental tornara possível a descoberta dum crime em Tavira. Diz a notícia que, há dias, apareceu na freguesia de Santa Catarina uma doida chamada Maria dos Reis que, junto da igreja parochial, afirmou em altos gritos saber onde se encontrava o cadáver dum tal Joaquim Gonçalves Diogo desaparecido há cinco anos, e cujo paradeiro a polícia nunca conseguira descobrir. Dizia ela que ali perto, numa eira se encontrava enterrado o corpo e que a alma do morto lhe vinha pedindo há muito que a salvasse de andar penando, dando sepultura condigna ao cadáver.

Declarava ainda a pobre louca que o assassino deveria chegar, dentro de poucos minutos, na camioneta de Tavira.

Estas revelações intrigaram toda a gente, tendo as autoridades tomado conta do caso.

Na camioneta indicada chegou um indivíduo que, se não era o assassino, era o pai do indivíduo sobre quem caíam graves suspeitas, embora nada se tivesse apurado. Em face destes indícios, a polícia recomeçou o seu inquérito, capturando novamente o suposto criminoso. Este, apertado em novos interrogatórios, acabou por confessar que, tendo comprado ao Gonçalves um pedaço de terra por 1.000 escudos, não estava na intenção de lhe pagar. Uma noite,

quando vinha de namorar e se dirigia para casa, encontrara o crôdor que mais uma vez lhe pedira o dinheiro. Aborrecido e vendo que o Gonçalves não estava disposto a esquecer-se da dívida, resolveu liquidar o assunto por forma definitiva. A noite estava escura e o sítio era deserto. Vibrou-lhe, então, uma cacetada na cabeça e acabou-o com mais algumas bordoadas dadas com ânsia. A vítima não tugi nem mugiu. Estavam portanto saldadas as contas. Pegou no cadáver às costas e levou-o para junto duma nora há muito abandonada. Receando, no entanto, que o corpo viesse à tona de água, prendeu-lhe os braços com a cinta e atou-lhe também uma pedra de grande peso. Atirou para a água com o cadáver e foi-lhe lançando pedras que mais facilmente ocultariam qualquer prova impertinente.

Logo, a louca afirmou uma grande verdade. Quem a inspirou?

Acresce que as autoridades fizeram esgotar a nora, encontrando-se restos de roupa, entre a qual uma camisa que um barbeiro reconheceu pertencer ao morto. Quanto às ossadas, nada se encontrou, tendo o sub-delegado de Saúde declarado ser possível haverem desaparecido sob a acção da água mineral.

A louca, indiferente a todos os louvores, continua a saltar gargalhadas cavas, sêcas, arripiantes, e a dizer disparates que ora fazem rir, ora fazem chorar.

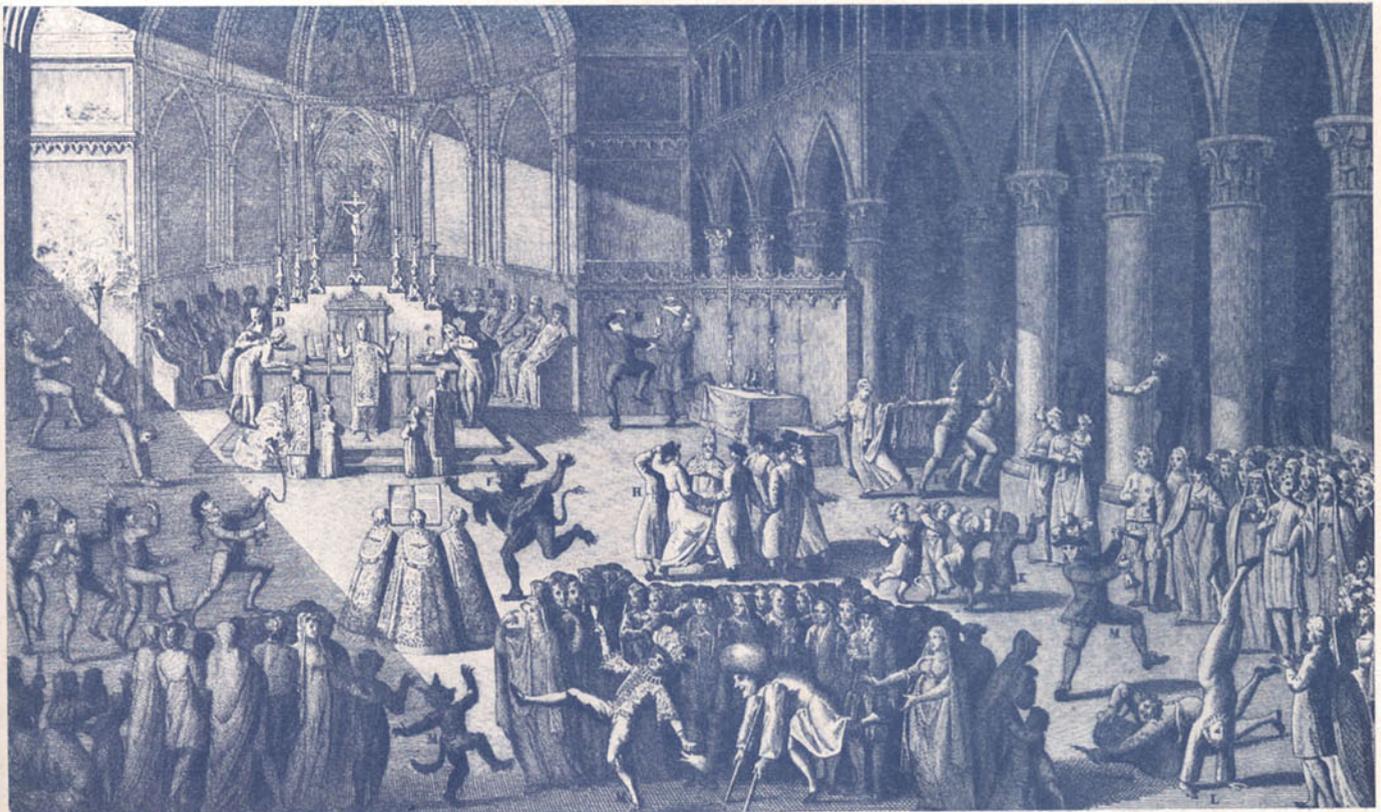
Como este facto nos faz lembrar os versos que o poeta Queiroz Ribeiro escreveu, um dia, «mais próximo de Deus do que a Razão»:

*E contudo... prefiro a inteligência morta  
A inteligência má!*

*Dizem que és louca... Sim! Dirão, Pouco me  
[importa!]*

*A louca quem será?*

Aos vermes um doido soltando gritos aflitivos, sentimos uma dor imensa, uma enorme piedade por todos esses desgraçados que, no fim de contas, não sofrem por lhes faltar a sensibilidade do raciocínio. Vivem numa espécie de êxtase, sem gosos, nem aflições como almas etéreas. Se esboçam ambições — as de majestade, por exemplo — o seu desejo é inteiramente satisfeito, arrastando um lençol que a seus olhos é o mais pomposo manto de purpura. O louco que deseja ser rei, torna-se rei de facto, pelo menos a seus olhos. E é quanto basta.





Isabel de Inglaterra, retrato de Franz Forbes de Solterren

proclamou Joana Grey rainha de Inglaterra, visto ser bisneta de Henrique VII. Cara saiu esta vaidade à jovem soberana que pagou com a vida o seu reinado de dez dias, para ser proclamada a Maria Tudor que procurou nos católicos o apoio de que carecia e casou com Felipe II de Espanha, seu primo, calculando a boa política dum forte aliança. Talvez assim conseguisse manter-se no trono. Nada aproveitou. Os protestantes fizeram-lhe uma

A famosa rainha Isabel de Inglaterra, tendo um grande apêgo à sua soberania, não o tinha menor à sua beleza física, chegando a considerar-se a mais formosa mulher dos Estados britânicos.

Se, num requinte de crueldade, fez degolar a desventurada Maria Stuart para consolidar o seu poderio, não teria sido menos cruel se lhe tivessem feito constar que a desventurada princesa era mais formosa do que ela.

À parte isto, teve grandes qualidades que tornaram o seu reinado um dos de maior grandeza de que a história da Inglaterra pode e deve orgulhar-se.

Filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, o seu futuro parecia vir a ser toldado de nuvens negras, tão negras e lugubres como os panos de luto que revestiam o cadafalso que sua mãe subiu com a maior resignação.

A Inglaterra debatia-se numa convulsão tremenda. O curto reinado de Eduardo VI foi assinalado pela continuação da revolução religiosa. Os protestantes preparavam a arremetida final contra os católicos. Falecido o soberano antes de ter completado dezassete anos de idade, Warwick

tal oposição que o seu reinado de cinco amargurados anos decorreu entre carnicifinas terríveis. À semelhança da hidra de Lerna, as cabeças dos adversários de Maria Tudor renasciam à medida que iam sendo cortadas. Desde Fevereiro de 1555 a Setembro de 1558 foram mortos 400 protestantes, 200 dos quais na fogueira. Dessas quatro centenas de mártires surgiram, numa multiplicação diabólica, mais de quatro milhões de inimigos que não perdoariam nunca. Por sua vez, Felipe II, longe de retribuir a afeição que sua esposa lhe votava, arrastou-a na sua guerra contra a França, perdendo a Inglaterra a sua querida Calais. Maria Tudor poucos meses resistiu a este desgosto. Antes de expirar, declarou com a maior amargura:

"Quando eu morrer, abram-me o peito que não de encontrar escrito no meu coração o nome de Calais!",

Entretanto, a ambiciosa filha de Ana Bolena aguardava o momento de tentar o golpe e fazer-se proclamar rainha. Contando com os protestantes, apresentou-se, embora ocultando, tanto quanto possível, os seus sentimentos religiosos. Levou a sua dissimulação a fazer-se sagrar se-

## FRAQUEZA FEMININAS

# A vaidade da rainha Isabel de Inglaterra que se julgava a mais bela dama do seu tempo

gundo o rito católico, e encarregou o embaixador inglês junto da Santa Sé de notificar ao papa Paulo IV a sua subida ao trono. O pontífice, que se encontrava bem informado à cerca dos manejos da nova rainha britânica, não se deixou iludir, e enviou uma altiva e violenta resposta que fez precipitar os acontecimentos.

Em 18 de Fevereiro de 1557, a Câmara dos Lords nomeou a rainha governante suprema da Igreja e do Estado. Foram anuladas tôdas as leis religiosas da católica Maria Tudor, sendo imposto um juramento, que implicava o renascimento da supremacia espiritual da corôa, a quem quer que tivesse as menores relações com o governo. Todos os bispos, com excepção dum só, o recusaram, sendo destituídos. Em compensação, de 7.389 eclesiásticos de segunda ordem, apenas 180 curas e 95 beneficiados manifestaram êsse desinteresse.

Assim, a rainha Isabel conseguiu consolidar o seu poder por entre as aclamações do povo. No seu reinado floresceram as ciências e as artes, tornando-se a Inglaterra uma grande nação. Graças aos empreendimentos dos seus marinheiros, chegou a pátria britânica a ser uma das primeiras potências marítimas.

Felipe II, que não perdia de vista a nova rainha, pretendia reatar com ela (ou antes com a Inglaterra) os laços que o haviam unido a Maria Tudor. A astuta Isabel repeliu tal oferecimento, pois bem sabia a sorte que sua irmã tivera com semelhante marido.

Quando ela se declarou abertamente protestante, o rei de Espanha dirigiu-lhe recriminações, a princípio, acabando por mover-lhe uma guerra surda de manejos tenebrosos e de intrigas de tôda a espécie. Um dia, o embaixador espanhol deu-se ao luxo de distribuir 60 mil escudos pelos padres católicos perseguidos por Isabel. Esta, que percebia o alcance do diplomata do rei de Espanha, não esteve com hesitações na medida enérgica a adotar, e pregou com o embaixador no cárcere.

O orgulhoso filho de Carlos V sentia-se amesquinhado por uma mulher!

Foi assim a rainha Isabel de Inglaterra, cuja energia ficou memorável nos anais

da história britânica. Mas se o seu vasto engenho político se tornou famoso através dos séculos, não foi menos célebre o seu coquetismo.

Sendo nova e bonita, tinha uma extraordinária vaidade pelos seus dotes físicos.

Em 1563, fez publicar o seguinte decreto que o seu ministro William Cecil teve as honras de referendar, e que Lucy Ailzin reproduziu nas suas "Memoirs of the court of queen Elisabeth", donde o reproduzimos:

"O desejo natural de que todos os súbditos de Sua Majestade, de qualquer estado ou condição que sejam, têm de possuir o seu retrato, incitou numerosos pintores e gravadores a multiplicar as cópias feitas. Verificou-se, porém, que até o presente nenhum alcançou imitar, natural e exactamente, a beleza e a graça de Sua Majestade, ocasionando assim

Isabel de Inglaterra, retrato por Isaac Oliver

continuas queixas por parte dos seus muito amados e leais vassallos.

"Em face disto, serão nomeados, de hoje em diante, peritos para julgar da fidelidade dos retratos que sejam feitos de Sua Majestade, ficando aqueles encarregados de não tolerar a conservação dos retratos que apresentem defeitos ou deformi-



dades de que, graças a Deus, está isenta Sua Majestade.

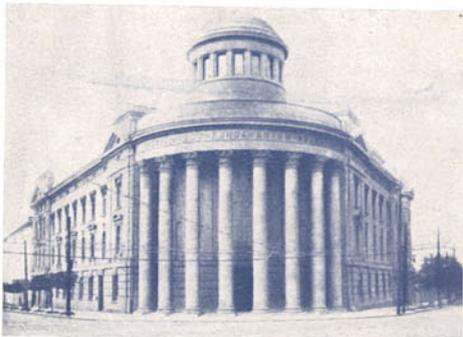
"Enquanto se aguarda a informação dos ditos peritos, fica expressamente proibido a todo o pintor ou gravador retratar ou gravar a imagem da nossa graciosa rainha. Feito o retrato fiel por um excelente artista, servirá de modelo para todas as cópias sucessivas, as quais não poderão ser expostas ao público sem que o modelo tenha sido examinado e reconhecido como o melhor, mais fiel e tão exacto quanto possa sê-lo."

Lord Melville, enviado por Maria Stuart à corte de Inglaterra, em 1564, salientava que "a par das boas qualidades de rainha, Isabel fazia aparecer as suas

fraquezas de mulher, e de tal ordem que fariam corar a mais loureira e requebrada das suas vassalhas. Isabel não deixava os créditos da sua beleza por mãos alheias. Tinha sempre o cuidado de exaltar os dotes do seu corpo com palavras encarecidas, apregoando, como fama de si própria, os seus louvores.

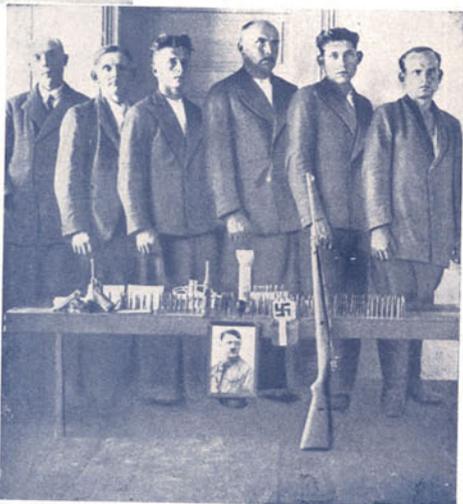
"A rainha Isabel fez-se retratar, e tornou público êste retrato, ordenando a destruição de todos os que não fossem cópia dêle. A tão ridícula e extravagante ordem, juntou severos castigos contra os desobedientes. Persuadia-se de que não podia haver um homem que, contemplando-a, deixasse de sentir imediatamente os efeitos do amor. Pensando continuamente nos meios de dar maior realce à sua formosura, levou o luxo e variedade de trajes e adereços até o ponto de extravagância que, nem antes nem depois, foi imitado por mulher alguma. O seu coquetismo não acabou nem afrouxou com a idade: era tão garrida e casquilha aos 25 anos como aos 70, em que faleceu e afirmava que a velhice nunca aparecera no seu rosto, nem no seu corpo, nem na sua alma!"

Isabel de Inglaterra



É de tradição considerar-se a diplomacia alemã pouco hábil. Partilhámos desta opinião, mas não deixamos de lhe reconhecer outras qualidades que são também garantias de êxito. Desde há alguns anos — pode

O palácio de Justiça onde se realizou o julgamento dos 126 nazis de Memel e, em baixo, alguns dos reus com armas que lhes foram apreendidas



**A**BUNDAM em nossos dias os motivos de preocupação para os destinos da Europa. No horizonte da política internacional acastelam-se nuvens sombrias, prenhes de ameaças. E a diplomacia, sentindo-se impotente para travar luta decidida contra os múltiplos perigos, procura adivinhar os mais urgentes para lhes dar remédio provisório, já que a solução definitiva se afigura, por agora, impossível.

É assim que ao conflito italo-etíope se antepôs em Genebra a tensão anglo-italiana. E para acudir a este aspecto mais instantâneo e mais grave da questão, os políticos de Genebra não se recusam a aceitar uma invasão da Etiópia como um mal menor. Toda a actividade diplomática se faz hoje sob este signo: "evitar o pior", frase que os relatos jornalísticos dos trabalhos da S. D. N. já consagraram.

Um dos pontos mais importantes para os dirigentes da política mundial consiste, pois, em prever onde vai a situação atingir maior acuidade, a fim de que o perigo possa ser enfrentado a tempo.

Ora não se deve perder de vista que, apesar das ambições italianas e da intranquillidade de Mussolini, o principal perigo que ameaça a paz europeia reside ainda no "Deutschtum", — isto é, no germanismo.

Entendamo-nos, porém: considerar o germanismo um perigo para a paz europeia não equivale a condená-lo como doutrina e como objectivo duma raça. O germanismo propõe-se reunir sob a bandeira do Reich, alguns milhões de alemães integrados noutros países. Algumas das suas reivindicações são, sem dúvida, discutíveis. Mas em conjunto, trata-se de processo de aglutinação que não pode deixar de fazer parte do destino histórico do povo alemão.

Mas para realizar o seu objectivo, o germanismo terá de forçar numerosos obstáculos. Está nisso o perigo e nunca é demais insistir nêlo.

## REIVINDICAÇÕES GERMANICAS

# A Alemanha quer um plebiscito em Memel?

### Um problema latente que pode degenerar num grave conflito

como no caso do "Anschluss", mas é fora de dúvida que com o propósito firme de recomençar o jogo em oportunidade mais favorável. Um dos problemas instantes da diplomacia consiste, portanto, em saber sobre que alvo assentará desta vez a Alemanha as suas batarias. A Áustria? Dantzig? Memel?

Os pontos nevrálgicos não faltam, como se vê. O silêncio alemão no meio da agitação europeia provocada pelas pretensões italianas sobre a Abissínia é, quanto possível, inquietante.

Na opinião de alguns observadores dos meios internacionais a próxima ofensiva do germanismo desencadear-se-á sobre Memel. Este prognóstico pode, evidentemente falhar, mas a questão

não deixará por isso de se conservar latente e de vir inevitavelmente a constituir, num futuro mais ou menos próximo, uma origem de graves incidentes.

Memel está sob a soberania da Lituânia, que é exercida por um governador, mas possui uma administração autónoma que é representada por uma Dieta e por um Directório. A maioria da população do território é lituana. Antes do Tratado de Versalhes as estatísticas acusavam na verdade uma vantagem ínfima a favor da Lituânia. Apenas 51% dos habitantes eram de origem lituana e os restantes 49% alemães. Esta diferença, junta a considerações de ordem histórica, justificou aos olhos dos estadistas a anexação de Memel à Lituânia. Mas para obviar os inconvenientes que o facto podia ter, as potências atribuíram ao território de Memel uma larga autonomia.

De então para cá a Lituânia desenvolveu grandes esforços para subtrair

Memel à influência alemã. Tarefa difícil porquanto esta cidade está em condições de nítida superioridade sobre o resto do país. Incorporado no território do Reich, Memel conheceu um desenvolvimento e uma prosperidade que a Lituânia propriamente dita, colocada longo tempo sob o jugo dos Tsars ainda está longe de atingir.

A política do Governo de Kovno consistiu até certa altura em lançar no território autónomo uma multidão de camponeses lituanos, destinados a contrabalançar a influência alemã. Conseguiu-o de certo modo e as estatísticas oficiais acusam hoje 90% de lituanos contra 10% de alemães. Dados estes números como exactos, é muito. Mas isso não impediu um facto paradoxal que um diplomata sintetizava assim: "Memel é um corpo lituano com uma cabeça alemã". E de facto, a parte mais significativa e valiosa da população continuou a ser da raça germânica.

Aproveitando essa circunstância, a Alemanha desencadeou em Memel uma intensa campanha nacional-socialista. O problema atingiu uma gravidade especial, sobretudo depois que a Lituânia se dispôs a responder pela violência a essa campanha. Kovno nomeou para governador em Memel o dr. Jonas Navakas, que assumiu poderes ditatoriais para reprimir a actividade nazi. Os partidos nazis foram dissolvidos, os seus chefes presos e os seus membros — de oito a dez mil pessoas — privados de direitos políticos.



O tribunal militar que julgou os alemães de Memel

Arma e material de propaganda nazi que figuraram no processo dos nazis de Memel

Esta acção violenta trouxe consigo a demissão de grande número de funcionários que foram imediatamente substituídos por lituanos. Surgiu então o célebre processo em que 126 nazis — estudantes, médicos, professores e camponeses — compareceram perante o tribunal acusados de alta traição. A condenação à morte dos principais implicados provocou na Alemanha uma violenta reacção. Kovno transigiu um pouco, comutando as sentenças. Mas esse pequeno povo de dois milhões e meio de habitantes não deixou por isso de manifestar decididamente a sua vontade de se opôr pela força ao seu poderoso vizinho de 65 milhões de almas.

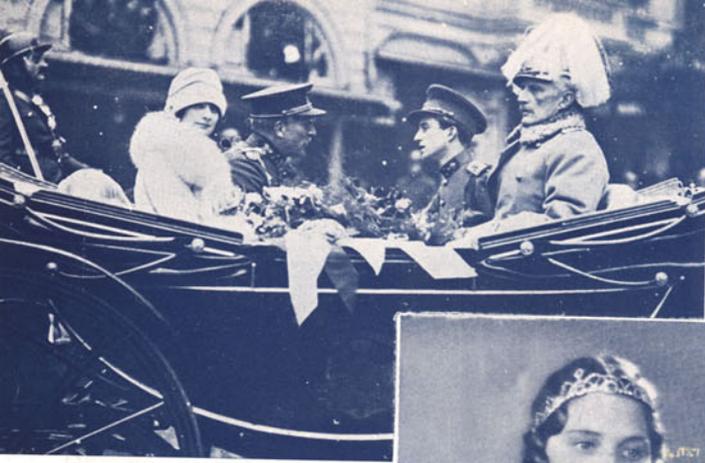
Para a Lituânia toda a tentativa de anexação do território de Memel por parte da Alemanha será considerada um *casus belli*. Mas isso não bastará para fazer o Reich abandonar as suas pretensões. Qual será, portanto, a evolução do problema passado o actual período de acalmia? Não é fácil dizê-lo. É possível que por um milagre todos os interesses se conciliem. Mas é também para recuar que suceda o contrário. Juridicamente — escusado será dizê-lo — a Alemanha não tem quaisquer direitos sobre Memel. Pelo artigo 99 do Tratado de Versalhes o Reich renunciou

aquele território e em 1928 assinou um tratado ratificando as suas actuais fronteiras com a Lituânia. Este tratado foi mesmo submetido ao Reichstag e o aprovou.

De que modo conta a Alemanha fazer valer os seus direitos?

Há quem julgue que reclamando um plebiscito em Memel idêntico ao que se realizou no Sarre. A actual superioridade numérica dos lituanos naquele território nada serviria em tal caso, pois o direito de voto seria provavelmente reservado aos cidadãos ali nascidos até à data da assinatura do Tratado de Versalhes.

É um plebiscito que a Alemanha quer? Em qualquer caso a Lituânia afirmou já sem equívoco a sua decisão de defender pela força, se preciso fôr, a posse do território. E conta para isso com o apoio da França, da Itália, da Pequena Entente e da Entente Balcânica que não podem ver com bons olhos a política expansionista do germanismo.



## O LUTO BELGA

# A MORTE TRÁGICA

da desventura da rainha Astrid  
Doloroso epílogo dum grande amor

**S**e a Bélgica, torrão pequenino de tão grandes tradições pode orgulhar-se de ser uma das nações mais simpáticas de todo o mundo, também lhe cabe o triste direito de se apresentar como a mais perseguida pela fatalidade.

Num curto espaço de tempo viu desaparecer dois dos seus grandes amores: o rei Alberto e a rainha Astrid.

O rei Leopoldo casara há nove anos com essa formosa princesinha sueca, não por imposição dos interesses do Estado, mas impellido apenas pelo seu grande amor. E assim entrou a princesa Astrid na igreja de Santa Gudula de Bruxelas como um anjo — tinha desasseis anos apenas — com a missão de alegrar e dar felicidade ao lar dêsse príncipe garboso que deveria herdar o trono da Bélgica.

Um dia, o rei Alberto sucumbe num dos seus predilectos exercícios de alpinismo, e esta morte tão sinceramente pranteada pelo povo belga que adorava o seu soberano, obriga o príncipe a cingir a corôa mais cedo do que poderia supôr.

Ao coração do filho amantíssimo tão profundamente alanceado era concedido, numa compensação suave, o lenitivo do amor dum anjo que o destino lhe havia dado como companheira.

A rainha Astrid, tendo recebido uma educação esmerada na Universidade Feminina de Upala, levava para o seu lar as qualidades aprimoradas duma boa dona de casa que poderiam servir de modelo à mais humilde das suas vassalãs. Descia à rua com os filhos pela mão, confundida com o povo, chegando a parar na beira dum passeio, aguardando a passagem dum cortejo interessante que as princesinhas gostariam de vêr. Nada de ostentações, nem vaidades balofas. Por isso, o povo adorava-a.

Há dias, no decurso dum passeio de



automóvel por terras suíças, é vítima dum desastre — e morre. O rei, que ia ao volante, ficou ferido, desmaiando. Quando voltou a si, ainda conseguiu arrastar-se junto da sua querida morta, calculando talvez que os seus beijos, por um prodígio de amor, a restituiriam à vida.

Triste fatalidade!

Quando lhe retiraram dos braços o cadáver querido, o rei murmurou num lamento saído do fundo de alma e que visava a misericórdia divina:

«— Eramos tão felizes!»

Todo o povo belga a idolatrava — até os republicanos e os socialistas enviaram as mais sentidas condolências — porque não podia ser esquecida a sua extrema bondade pelos humildes e desprotegidos da fortuna.

Os operários das minas atravessavam uma crise pa-

ra a rainha Astrid. — Ao alto: Na hora feliz do casamento. — Em baixo: No leito mortuário

vorosa. Morria-se de fome. Pois a rainha Astrid desceu do seu palácio e, sempre com os filhos pela mão, foi bater à porta de todos os ricos a implorar auxílio para os desventurados. Não seria demais que os olhos que ela alegrou, enxugando-lhes as lágrimas da mais pungente miséria, se marejassem agora de pranto com saudades da sua benfeitora.

Vinte e cinco anos cheios de ventura, saúde e ilusões, nimbados pela candura de três crianças encantadoras, adorados pela ternura dum jovem apaixonado e ardente que chegou a acreditar na ventura terrena...

— «Eramos tão felizes!» — soluçava o

desventurado rei ao contemplar o cadáver do seu grande amor.

Como o destino é cruel!

As três criancinhas que ficaram orfãs nada falará, pode supôr-se, visto ficarem ao abrigo das necessidades que apenas são impostas aos filhos dos pobres.

Pelo menos, é o que toda a gente vai calcular. E, no entanto, nada mais inexacto.

A essas três criancinhas vai faltar tudo, embora as rodeiem de toda a opulência e conforto que uma grande fortuna pode conceder.

Falta-lhes o amor de mãe que, à semelhança da luz dos olhos, só se avalia de-

O rei Leopoldo III. — Em baixo: Incorporando no funeral da esposa e apresentando aos ferimentos sofridos



pois da sua perda. Poderão ter aias carinhosas que as envolvam em mimos enternecidos, que nem assim encontrarão a compensação desejada para o grande amor que perderam.

Por sua vez, o jovem rei Leopoldo não encontrará nunca mais uma companheira que lhe faça esquecer aquela que constituiu a maior ventura do seu lar.

Mesmo que a sua juventude o leve, um dia, a contraír segundas núpcias, a memória da sua querida Astrid há de perdurar no seu coração de desventurado amante.

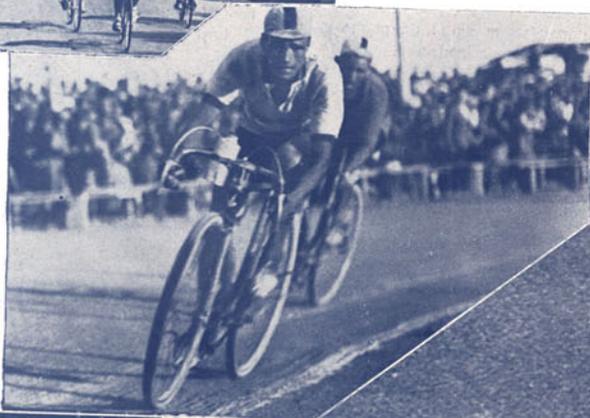
Resta-lhe a mãe extremosa, em cujo seio ocultará as suas máguas como nos tempos bem mais felizes em que era pequenino. E esta infeliz soberana, que patenteara a sua firme decisão de ir ocultar os crepes da sua viuvez na solidão dum claustro, ficará junto de seu filho que, mais do que nunca, precisa da sua assistência materna.



**P**ELA sexta vez os ciclistas percorreram a Volta a Portugal, desparando por toda a parte onde passaram um entusiasmo vibrante que nenhum outro acontecimento desportivo consegue igualar.

As características especiais da prova, que se desloca ao encontro dos espectadores, ao contrário do que sucede com as outras competições, constituem o segredo principal do seu êxito, de ano para ano crescente.

Quantos milhares de pessoas, para quem o desporto é durante onze meses e meio um factor absolutamente alheio à sua existência, vivem na obsessão desta corrida, que ascende, pela sua popularidade, ao nível de acontecimento nacional.



## A 6.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

### comentários à prova, aos resultados e aos corredores

O desfile dos corredores e da caravana acompanhante através as artérias principais da cidade desde o Parque Eduardo VII até ao Campo Sodrê, serviu para um primeiro contacto do povo com os seus heróis, aqueles que durante quinze dias iriam traçar, com o vigor dos músculos, a epopeia do esforço desportivo.

Os sintomas de entusiasmo acumularam-se desde o momento em que as rodas das bicicletas iniciaram o seu giro na Praça Marquês de Pombal. Foram às dezenas, e não dizemos às centenas para que nos não possam apodar de exagero, os fanáticos que acompanharam, correndo, os seus favoritos durante a descida da Avenida da Liberdade e o percurso pelo coração da Baixa.

Paravam quando o cansaço os subjugava mas, mesmo então, ofegantes, exaustos, seguiam o pelotão com um olhar saudosos, um olhar que percorria quilómetros e pretendia adivinhar a luta na estrada.

Atravessado o rio, nova multidão esperava os ciclistas, os envolveu no calor da sua fé, trans-



formando a calma vila da Cova da Piedade, num arraial buliçoso, alegre, reconfortante.

E, de estrada em estrada, de vila para vila, de cidade para cidade, sempre fomos encontrar o mesmo fervor simpaticante, as mesmas multidões captivadas pela emoção da luta e na ansiedade fremente do resultado a chegar.

Entre os carros de publicidade que acompanharam a prova, figurava um realmente original; nuns suportes de ferro avançados no motor assentava uma bicicleta cujas rodas quasi rasavam o solo e sobre a qual pedalava um homem de camisola amarela. A certa distância a ilusão era perfeita, parecendo de facto que o ciclista vinha caminhando pela estrada.

Este dispositivo deu origem a várias confusões cómicas, a primeira das quais se verificou na jornada inicial e na meta de Evora, onde um juiz de chegada anunciou entusiasmado a aproximação de Marquês, num momento em que ele ainda não partira de Montemor.

O mais engraçado passou-se, porém,



César Luís desfalecido na sua chegada ao Porto

numa aldeiazita cêrca de Castro Verde; passara pouco antes a tal camioneta com o homem da camisola amarela, quando chegou um dos carros oficiais da caravana. Os habitantes cercaram indignados os seus passageiros, protestando contra a irregularidade da corrida e a atitude dos organizadores que levavam o Marquez empurrado por um automóvel! E ameaçavam, a bem da moralidade, comunicar o facto por telegrama a toda a imprensa.

Foi preciso esperar pelo pelotão e mostrar-lhes o autêntico Marquês para os convencer do êrro.

A Volta teve um vencedor: César Luís; um homem de grande classe: José Marquês; um glorioso vencido: Ezequiel Lino.

A vitória de César Luís é tão nítida que a ninguém passa pela ideia contestá-la, mas o corredor que entrou em Lisboa com a camisola amarela não foi a figura máxima da prova; energia e valor possui o benaventense o bastante para que mereça figurar no rol dos triunfado-



Felipe Melo após o seu ferimento

res da prova, e a tãda a caravana o demonstrou na formidável perseguição em que se lançou, de Ponte de Lima ao Porto, para salvar o seu bem do ataque cubiçoso de Marquês e Ildefonso.

No entanto um inquérito realizado entre os elementos que acompanharam a corrida, indicaria por grande maioria de votos, José Marquês como o ciclista que mais se evidenciou e por certo teria conservado até final a classificação conquistada em Montemor se não tivesse sofrido, em determinada altura do percurso, uma furunculose que só à força de muita coragem o não impeliu à desistência.



César Luís, vencedor da dura prova, momentos depois da sua chegada ao Estádio

O campeão nacional, que nas provas contra relógio deu cartas como mestre, foi o grande animador da Volta, e teria conseguido aproximar-se mais do «leader», se houvesse empregado nos seus ataques uma tática mais adequada às circunstâncias.

Ezequiel Lino foi o atleta valoroso que a sorte venceu, tendo deixado no historial da corrida gloriosamente vinculada a sua presença por uma série de feitos que abonam a sua categoria de corredor prestigioso.

A sua vitória na serra do Caldeirão, caminho de Loulé, repetida em Vizeu após uma jornada de incessantes ofensivas, a firmeza moral com que enfrentou a má sina que raros dias o deixou em paz, eram dignas de melhor destino do que a desistência a oitenta quilómetros do Estádio, esgotadas por completo as forças físicas.

Ezequiel era o ciclista mais popular da Volta, depois de desaparecido Nicolau; o seu nome can-

Alfredo Trindade ladeado pelos dois favoritos da grande prova



José Marquês vestindo a camisola amarela em Montemor

tava em tãdas as bocas e, no inocente entusiasmo do povo, o homem que primeiro passava na estrada envergando a camisola verde e branca do Sporting, era sempre Ezequiel, tão grande era a confiança nas possibilidades do estradista.

Nicolau foi outro campeão que caiu de pé.

Lutara na véspera da sua desistência com a combatividade que fizera dêle, em anos anteriores, o ídolo das multidões; era assim, impondo o seu andamento vigoroso que nesses tempos áureos distanciava implacavelmente os adversários.

Desta vez, porém, os seus intentos foram frustrados e, ao contrário do que esperava, foram os mais novos competidores que, cêrca do final, lhe fugiram sem remissão. Para o moral do campeão deve ter sido, êste, um golpe tremendo.

Partiu, na caminhada seguinte aparentemente sereno, mas por certo quebrada a confiança nos seus meios. Ao primeiro ataque de Cesar Luís, o homem que decidira apossar-se nesse dia da camisola amarela aproveitando a inferioridade física de Marquez, Nicolau ficou logo atrasado, as pernas a negarem-lhe o auxílio que tanta vez o levara ao triunfo.

Cêrca da ponte de Ródão, o atleta abandonou a luta, com a simplicidade dos espíritos fortes, a alma enlutada por certo, mas impoluto o aprumo moral dos desportistas de rija tẽpera.

Salazar Carreira.



## As homenagens prestadas no Japão à memória de Wenceslau de Moraes



CONFORME oportunamente noticiá-mos, os meios intelectuais de Tóquio prestaram no dia 1.º de Julho d'êste ano uma sentida homenagem à memória do grande escritor português Wenceslau de Moraes, comemorando o sexto aniversário da sua morte. Damos hoje alguns aspectos gráficos das solenidades com que a homenagem foi assinalada. Em cima, à esquerda, o sr. dr. Tomaz Ribeiro de Melo, ilustre ministro de Portugal em Tóquio, ofertando incenso ao espírito de Wenceslau de Moraes. Ao lado o ministro do Japão em Lisboa, sr. Akio Kasama, recolhido perante a urna que contém as cinzas do escritor. Na mesma gravura vêm-se ainda, em primeiro, à direita o Governador de Tokushims; e em segundo plano: da esquerda para a direita: Francisco de Sá e Sousa, Consul de Portugal em Kobe, e o Ministro de Portugal em Tóquio.

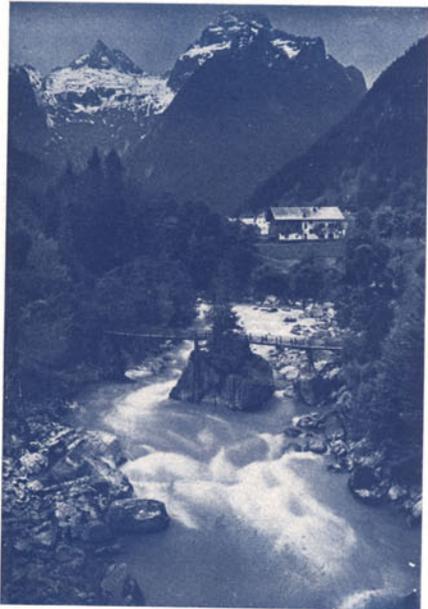


As restantes duas gravuras mostram trechos da assistência à velada literária que pelo mesmo motivo se realizou. Na de cima vêm-se o Director da Biblioteca de Tokushima onde estão os livros de Wenceslau Moraes, um jornalista, o Prof. Oshi da Universidade da Língua, Ministro Kasama, Ministro de Portugal, Consul de Portugal em Kobe, Prof. da Universidade e o Alcaide de Tokushima. Na gravura inferior vêm-se o representante do Marquez Hachisuka, Keisa Aida, adido do Ministério dos Estrangeiros, escritor novelista Kaku Nii, Senador Manabu Matsumoto, membro da Câmara dos Pares, Masuzo Matsumira, Presidente do Grémio da Imprensa Provincial (de pé), Barão Ino Dan (representando o Príncipe Konoe), Presidente da Sociedade Internacional de Relações Culturais, Giro Yumoto (o organizador da Comemoração), Director do Departamento de Educação da Província de Tokushima, Tomizo Hanano, escritor-tradutor da obra de Wenceslau de Moraes — «Relance da alma japonesa», de que se esgotaram duas edições em 10 dias.

### MORTE DO VISCONDE DE VILA MOURA



Na sua casa de Porto Manso faleceu no dia 3 do corrente o Visconde de Vila Moura. Foi um escritor de grande merecimento que deixou uma obra de real valor na qual avulta «Nova Safo» e «Doentes de Beleza». A sua morte representa uma pesada perda para as letras portuguesas.

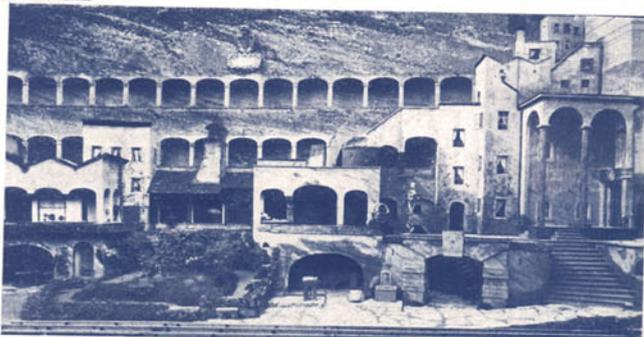


O pico do Alpes denominado «Lofers», próximo de Salzburgo

Muita variedade em pouco espaço — é esta a lei das raças austríacas e da paisagem austríaca. O Vorarlberg ocidental é alemão, igual à Suábia e à Suíça. Os austríacos do norte estão aparentados aos bávaros, e do norte também se faz sentir, até ao coração de Viena, o sangue checo.

O Burgenland tem o carácter húngaro. O sul da Caríntia e da Estíria misturou-se com os jugo-estlavos, enquanto que o Tirol e Salzburgo acusam o carácter italiano. Eis a nação austríaca: não uma nação no sentido nacionalista, mas sim um povo europeu, animado dum catolicismo puro, cheio de fé, liberal e tolerante, que absorveu, amalgamando-se perfeitamente, grandes quantidades de pessoas de

O carácter da paisagem austríaca é determinado pela sua riqueza e variedade. Montanhas e geleiras no sul, um lago enorme, do tamanho dum mar, na sua fronteira ocidental, colinas descendentes para o norte, e a levante, continuando até à Hungria, as arenosas estepas do Burgenland. Um corte: um rio largo, o grande Danúbio, separando os Alpes e as suas serras, e os altos da Boémia; mas um rio, que liga os povos e não os separa.



O cenário ao ar livre montado para o «Fausto» pelo professor Max Reinhardt. — A esquerda: Zell-sobre-o-lago, na província de Salzburgo



## NA PÁTRIA DE MOZART

# A cidade de Salzburgo

síntese formosa e perfeita da alma e da paisagem austríacas

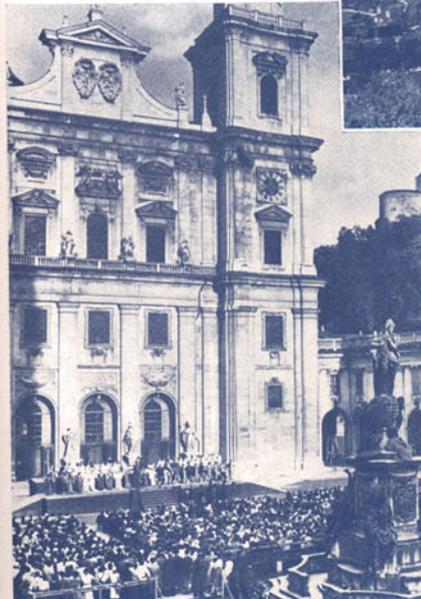
outras religiões e raças. Esta variedade não torna fácil a compreensão do carácter, da melodia e do ritmo básico do povo austríaco e da paisagem austríaca. Um dos caminhos a seguir seria a conformação da natureza pela arte, neste caso portanto pela arquitetura.

A Austria é o país do barroco. Durante o reinado da imperatriz Maria Tereza principiaram as obras mais ricas da arte arquitetónica austríaca. Cidades, palácios, igrejas, conventos, monumentos, fontes, tudo do barroco mais puro. Uma época de largo dispêndio, de acção católica, e que se conserva com poder e força, encontrando a sua coroação e a sua encarnação mais pura em Salzburgo.

Salzburgo, a duqueza das cidades austríacas. O triunfo incontestável do catolicismo, feição máxima do génio do bar-

roco, como tampouco da sua posição única e do quadro da sua paisagem. É a exuberância perdulária, com que a cidade e a terra se estendem à volta do límpido e fresco Salzach, rio verde claro, entre cadeias suaves de colinas, Alpes gigantescos, planície sem fim, sob um céu dum azul sedoso, qual bandeira do sul.

A região de Salzburgo é estruturada pela cisão em leque das montanhas dos Alpes, as gigantescas Tauern, em volta do curso do rio Salzach, por elas estreitado e encurvado. Assim determina o traço e direcção das estradas, dos vales, das linhas de caminho de ferro. De quando em quando o vale alarga-se, para em seguida se estreitar, a formar barrancos. Rios e ribeiros correm bravos; os seus leitos cobertos de blocos de rochedo. Já com queda suave as águas bramam, nos redemoinhos refervem com espuma leitosa; nas cataractas, com o seu estrondo, encobrem mesmo as torrentes que dos altos pendores das penhas se precipitam ao seu encontro, como suicidas. O vale é pradaria suave e pastagem. Junto dos



ribeiros verdejam os amieiros. Os prados estão semeados de flores multicolores, um socego risonho estende-se perante as montanhas gigantescas: estas ameaçam com monstruosas muralhas escarpadas, contrafortes nús, despenhadeiros brancos, muros selvaticamente recortados. Por cima dêles a via férrea e as estradas engatam-se à rocha com pontes arrojadas saltando por cima de desfiladeiras e correntes d'água impetuosas. E muito de repente abrem-se ainda à altura de dois mil metros, os olhos azuis e suaves dos lagos destas montanhas, duma profundidade inescrutável.

Antes do rio Salzach deixar o território austrí-



A antiga residência dos Habsburgos em Salzburgo



Panorama da cidade de Salzburgo. — A esquerda: uma representação no adro da igreja

época de verão está cheia de estrangeiros vindos de todos os cantos do mundo. Mas Salzburgo não é uma cidade de turistas; é uma cidade de festas; já o era mesmo antes de Max Reinhardt, com o apoio do Estado austríaco e da Igreja católica, a ter tornado a primeira cidade de teatro na Europa,

co, encaminhando para a Alemanha, ainda lhe dá entrada a cidade de Salzburgo, a principesca. Uma catedral, poderosa como a de Sevilha. Palácios de arcebispos, em riqueza iguais aos dos grandes soberanos da Itália e da França. Varandas e galerias mais formosas do que as de Merano e de Milano. Montras sumptuosas como as de Nizza, de Bad Nauheim, de Trouville.

Nesta cidade também se fala alemão; mas talvez, pouco mais do que inglês, espanhol ou francês. Na

pelo período de quatro semanas em cada ano. Na ópera, no estilo da de Viena e de Paris, comandam a batuta Toscanini e Bruno Walter. No Mozarteum, o solene palácio de concertos, soa a música de Franz Schreker, Stravinsky, Hindemith, Ravel, Darius, Milhaud. Na Felsenreitschule foi criado um palco para o «Fausto» de Goethe. Em frente da Sé sobem os ritmos majestosos da peça «Jedermann» do grande poeta austríaco Hugo von Hofmannsthal; eternamente o adro conservará a memória da voz do falecido actor Alexander Moissi, que foi, simultaneamente, um alemão e um latino. E no parque de Leopoldskron, em que Reinhardt vive, os maiores actores do idioma alemão apresentam o «Sonho duma noite de verão», de Shakespeare.

W. M. — Ullmann — Viena.



Guerra Junqueiro com o abade minhoto

Afastando se Junqueiro do partido progressista, o Gonçalves começou a zangunchá-lo. Em *A Província*, de 7 de Janeiro de 1891, aparecia a seguinte correspondência de Lisboa:

“Os assuntos preferidos da última semana foram ainda os financeiros. A abertura das Córtes, com o costumeado discurso da corôa; a suspensão dos trabalhos parlamentares logo no dia imediato; a elegia da Pátria, entre lírica e excrementícia, publicada pelo sr. Guerra Junqueiro com a introdução de lugares selectos da História de Portugal, de Oliveira Martins; e bem assim outros casos de semelhante intriga e de patologia igual à d’este último, não lograram desviar as atenções gerais da precária situação do tesouro e dos expedientes planeados para a melhorar. Apesar disso, como a variedade é uma condição primordial para não ser atrozmente massador, ligeiramente todas as no-

O grande poeta Guerra Junqueiro, não tendo sido fadado para tribuno, também não reñia as qualidades indispensáveis para a vida política. Nas várias polémicas que teve de sustentar encontrou, por vezes, antagonistas de respeito. Poderia ter embarralado aquele abade minhoto, obeso e mastodôntico com quem se encontrara numa carruagem de combóio, após a publicação da “Velhice do Padre Eterno”. Tendo a conversa caído sobre o famoso livro, o padre, que não conhecia Guerra Junqueiro pessoalmente, começou a lançar sobre ele as mais furibundas maldições. O poeta divertidíssimo com a ignorância do sacerdote, ajudava-o nas suas maldições com uma veemência de católico fervoroso. Sempre que o abade dizia: mata! Junqueiro acrescentava: esfolá!

Quando se apearam, o padre manifestou desejo de possuir um retrato junto desse rapaz tão franzino de corpo, mas dotado duma alma elevada de verdadeiro eleito. Fotografaram-se com se vê pela gravura que reproduzimos. Grande desapontamento deveria ter o abade quando lhe disseram que esse moço cheio de talento era o próprio autor da “Velhice do Padre Eterno”!

Guerra Junqueiro, tendo ingressado no partido progressista, foi eleito deputado. Nessa ocasião, Oliveira Martins dava-lhe toda a atenção, encarregando o seu “braço direito”, conselheiro Joaquim António Gonçalves de o tratar bem no seu jornal *A Província*. Quando o poeta publicou o *Finis Patriæ*, este jornal, apesar de monárquico, reproduziu na sua primeira página, em gordas parangonas, a poesia “O caçador Simão”, em que D. Carlos era ameaçado de morte.

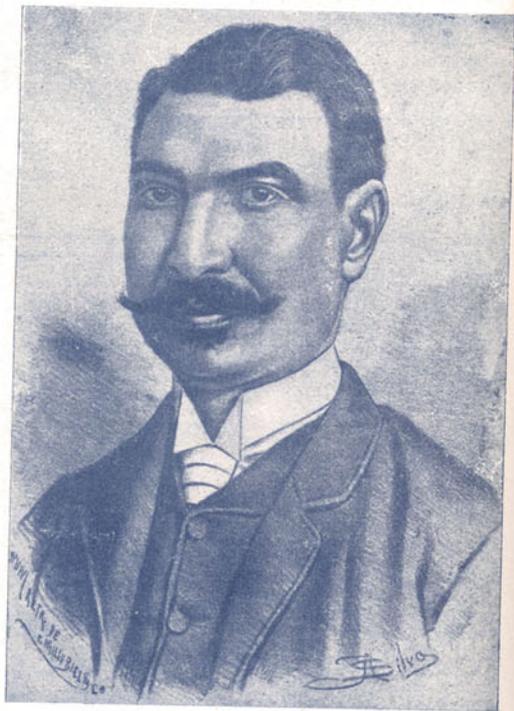
percorreremos tas da gama dos acontecimentos político-artísticos, começando pela fantástica epopeia do eminente poeta da “Morte de D. João”, e agora desgrenhado trovador do “Fim da Pátria”.

Após uma crítica mordaz ao livro, o jornalista remata assim:

“Não é a grande dor do patriota que vibra nas estrofes sentidas do poeta. São os despeitos mesquinhos, as rabulices odientas do candidato infeliz, do deputado *manqué*, a zumbir como vésperas por entre as flores perfumadas dum lirismo postiço.

“Perdoem-nos os obcecados admiradores de Guerra Junqueiro. Nós também o sómos dos mais sinceros e convictos, quando o

Conselheiro Joaquim Antonio Gonçalves



LUTA DE GIGANTES

Guerra Junqueiro Oliveira Martins  
Quem orientou a campanha contra o autor do “Finis-Patriæ”,?

poeta nos recita, como ainda há pouco, alguns desses primorosos versos puramente sentidos, que êle conserva inéditos, mas que o hão-de de resgatar para a Arte, collocando-o no lugar eminente que lhe pertence. Agora, porém, o que Junqueiro fez foi escrever uma má obra e praticar uma acção péssima. Péssima em si mesma, entenda-se; péssima como documento moral. Nos seus intuitos, absolutamente nula e ociosa.

Como o poeta não se conformasse com a classificação de deputado *manqué* e candidato infeliz, recalcitrou, tendo o Gonçalves publicado a carta recebida que ornou com estes comentários cáusticos:

“Porque nos sentimos, a estorcerem-se por entre os versos latrinários da sua infeliz epopeia, todos os propósitos odientos e todos os despeitos mesquinhos, que parecem danar-lhe a alma, numa cólera

de Júpiter pequenino, o sr. Junqueiro, muito soberano e muito cómico, vem avisar os leitores da “Província”, num grotesco comunicado, que precisa de ir ao seu escritório de Viana, talvez para provar que nas últimas eleições não foi candidato infeliz. Não se incomode o illustre poeta. Nós aqui estamos para declarar que o sr. Guerra Junqueiro, depois de se lhe malogrem algumas eleições eleitorais, que o puseram muito azedo com o sr. Lopo Vaz, obteve do sr. João Franco Castelo Branco o oferecimento dum círculo, que s. ex.ª, o sr. Junqueiro, não aceitou. Mas não é disso que se trata. Não se é só candidato ao diploma parlamentar. Na vida social e política há muitas outras candidaturas em que se pode ser infeliz e também, estando nas córtes, se pode ser deputado *manqué*.

“Exemplifiquemos: Em concurso com um antigo repórter do “Correio da Noite”, o sr. Guerra Junqueiro pretendeu que o ministro do Reino duma situação progressista o mandasse ao estrangeiro para estudar os serviços policiais, por conta do Estado. A remuneração que solicitava não era grande para a capacidade do illustre poeta, mas era dinheiro. Um primeiro conto de reis adiantado, e depois não sabemos quanto mais. O ministro, apesar de instado, não se deixou convencer da utilidade do serviço que o sr. Junqueiro se propunha prestar ao país, e rejeitou-o. Provavelmente fez mal. Se o autor do *Fim da Pátria* fôsse a Paris à custa do tesouro, talvez a tivesse salvado, o que por certo era muito mais grato ao seu coração e às suas finanças, do que escrever-lhe agora o necrológio. Em todo o caso, a candidatura do sr. Guerra Junqueiro não vingou. E af o tempo, uma vez pelo menos, candidato infeliz.”

E, neste tom, continua a bater sereno, mas rijo.

Guerra Junqueiro salta com toda a violência a defender a sua testada. Falta-lhe, no entanto, a calma.

“O Gonçalves — diz êle — é uma hidrofobia de aluguel. Morde por officio. Morde para comer. A sua dentadura representa toda a sua fortuna. Arrancar-lhe um dente é tirar-lhe uma parte do seu capital. Partir-lhos todos é abrir-lhe falência. Vou arruiná-lo, Gonçalves.”

E mais adiante:

“Isto, Gonçalves, não vai ser um duelo a murro numa estremeira, um combate jornalístico a troços de sarcasmos e pedregulhos de insolências, em que, de ordinário, o vencedor não é o que tem mais razão, mas sim o que tem mais chalaça e desenvoltura. Não, desgraçado, isto vai ser um corpo de delicto, um processo

e uma sentença. Sim, Gonçalves, o senhor que neste momento é apenas um malandro, tornar-se-á um grilheta dentro de meia hora. O senhor riu-se, não acredita... mas que é isso? mudou de côr e olhou p’ra porta?! Quere fugir... bem sei... Tudo inútil. O senhor pertence-me. Está aberta a audiência, Gonçalves.

“...O Gonçalves não me atacou apenas na minha literatura. Atacou-me na minha dignidade de homem e dignidade de artista. Acusou-me de fazer dos meus versos o punhal traiçoeiro dos meus ódios. Acusou-me de hipócrita, acusou-me de venal, acusou-me de pulha.

“...Mas o Gonçalves fez mais do que insinuar contra mim um facto que me deslustrava. O Gonçalves sabia que êsse facto era uma mentira, sabia que eu não fôra eleito deputado porque não quizera. Quem lho tinha dito? Eu próprio!

“...O Gonçalves tenha a certeza de que se não evade. A porta está trancada, e eu tenho um revólver na algibeira. Resigne-se. Daqui só p’ra cadeia.”

Depois, Guerra Junqueiro exhibe duas cartas: uma de João Franco, provando o



Oliveira Martins

apoio que o partido dêste estadista lhe oferecera à sua candidatura de deputado; e outra de José Luciano explicando as condições em que o poeta iria ao estrangeiro estudar a organização dos serviços policiais.

Cita também os elogios que, meses antes, recebera do Gonçalves, e acrescenta:

“Uff! Gonçalves! Já estou cansado de lhe bater. Já me doi o braço, e o sr. miseravel, não sente as pancadas porque está morto e esborrachado.

“...Basta. O Gonçalves já não mexe, já não rosna. Morreu definitivamente. Levem-no, que cheira mal. Matei-o sem querer. Não o provoquei. Mordeu-me com raiva e enxotei-o com um pontapé. Investiu de novo, mais furioso, e dei-lhe cabo do canastro.

“Não sei se o Gonçalves me mordeu por conta própria ou por conta alheia. A dentada foi tão vil e traiçoeira que é de crer que o Gonçalves, ao menos uma



Guerra Junqueiro

vez na sua vida, mordesse com independência, para goso próprio. A acção que o Gonçalves praticou é de tal forma baixa que não haveria talvez ninguém que lhe mandasse praticar, a não ser êle mesmo...”

Guerra Junqueiro visava Oliveira Martins de quem o conselheiro Joaquim António Gonçalves era amigo e confidente e até executor de altas justiças. Oliveira Martins, a seu vêr, “não tinha nem sombra das qualidades dum grande governante, dum heroico e formidável condutor da vida imensa duma pátria, e “enveredado por maus caminhos”, sendo por isso que Junqueiro o abandonara.

Desconfiava portanto do historiador-político e atirava-lhe o desafio:

“Mas, enfim, se o Gonçalves mordeu por encomenda, como o cachorro está morto, o dono que anateça. Depois de matar um cão para defender a minha dignidade, sou também capaz de matar um homem.

“Eh! lá, patrãozinho! chegue à porta, que lhe arrebitei o animalajo. Se foi você que o açulou, traga também o bacamarte. Não há medo!

“Veremos se vem alguém...”

No fim de contas, Oliveira Martins não se dignou aparecer, visto o seu amigo nada ter sofrido. “A Província” continuava a fusilar ataques contra o poeta sem esmorecimentos nem hesitações. Oliveira Martins — o tal patrãozinho que Junqueiro desafiava em altos gritos — vendo a questão em boa mão, julgou não valer a pena chegar à porta com o bacamarte apertado. Para liquidar o caso chegava e sobejava o Gonçalves, cuja impetuosidade nos ataques foi sempre de se lhe tirar o chapéu.

Se até lhe chamavam o Gonçalves chapéleiro!

HÁ na vida da gente horas sombrias que trazem lágrimas e luto, e há, também, — porque a vida é feita de contrastes — horas de um prazer infinito, de uma alegria doida que nos faz ver tudo côr de rosa e que nos faz esquecer os bocados maus, que se alinham no nosso passado, como ameaça de novas represálias.

Em certas vidas, passam-se tempos cheios de ventura, que raramente escurece a sombra de uma desgraça.

Mas, noutras existências, uma má vontade da fortuna faz com que as dôres se sigam como contas de um rosário de aflições, sem quasi dar lugar a uma pequena trégua de resignação.

A morte, o maior mal, às vezes, outras vezes, remate de todos os males, não escolhe a sua prêsa nem faz questão de categorias, para trazer consigo a amargura.

Tanta gente existe, chorando a sua má sorte, desejando o ponto final de tantas desditas, pedindo até a Deus que lhe acabe com a vida, e a morte passa de largo por quem a chama em altos gritos, e vai, hedionda e cruel, bater à porta de um lar feliz de jóvens esposos estuantes de entusiasmo e de ânsia de viver para os seus pequeninos — frutos preciosos de um precioso amor — e deixa na desolação, privado da maternal ternura o ninho tão cuidado e tão querido.

Por mais que nos apeguemos às nossas crenças e à submissão que a religião

nos ensina, não podemos dominar um gesto de revolta e um desabafo de indignação, quando casos como este vêm ferir a nossa sensibilidade, principalmente, quando a desgraça se compraz em abater-se, com dolorosa freqüência, sobre a mesma vítima.

Quem como eu conheceu esse cantinho de terra paradisíaca que é a Bélgica, quem

## ROSÁRIO DE AFLIÇÕES

com ela viveu as suas alegrias e sofreu suas tristezas, é que pode avaliar a grande alma dêsse povo, tão ferozmente experimentado pela desventura em sucessivos ataques.

Próspera e ridente, com seus campos férteis desentranhando-se em flores e frutos, com a sua gente trabalhadora e disciplinada, respeitadora de suas leis, tendo como suprema ambição a ventura colectiva da sua amada terrinha, a Bélgica viu de repente o seu solo invadido, retalhado e espezinhado sem piedade, e o seu património artístico em ruínas, ela tão sossegada e ordeira que desprezava a coscuvilhice, e não incomodava os vizinhos.

Depois de actos que a história registou como dos mais heroicos na vida da humanidade, a pouco e pouco, com a boa vontade dos seus filhos, a terra martir foi-se refazendo das convulsões que o revolucionaram e seguia já, quasi como dantes, uma estrada fácil e abrigada pela esperança de dias melhores.

Um dia, no meio da serenidade da faina habitual, uma nova caí como uma bomba, cujos estilhações iriam ferir de

*Um momento de felicidade na vida da família real da Bélgica: o rei Alberto com o filho e a nora, Leopoldo e Astrid, e um filho destes. Esta fotografia foi feita pela rainha Isabel*

novo o bravo povo belga, nos recessos mais intimos do seu sentir.

O rei Alberto — o rei soldado que levou os seus exércitos á vitória, que os conduziu, em festiva e gloriosa parada, de volta das lamas do Yser, encontrára a morte numa queda, quando com a sua pericia de alpinista entusiasta realizava uma ascensão na montanha.

Estão ainda na memória de tôda a gente as explosões de mágia que esse acontecimento provocou, e não vai longe a impressão lutuosa que escureceu o mundo civilizado. A Bélgica inteira

chorou o seu rei e todos os povos partilharam com ela esse imenso desgosto.

O infortúnio não se cançou de perseguir a Bélgica e o seu povo.

A's aclamações carinhosas que acompanharam, na sua subida ao trono, o rei Leopoldo III e sua esposa a rainha Astrid, seguiram-se, com um intervalo que mal chegou para retirar o luto pela morte de Alberto I, as lamentações desesperadas por uma nova desgraça.

Aquela princesinha, formosa e boa como uma princesa de contos de fadas, que no seu castelo envolto em bruma sonhava com um esposo digno da sua beleza e do seu coração, pouco tempo gozou da realização do seu sonho.

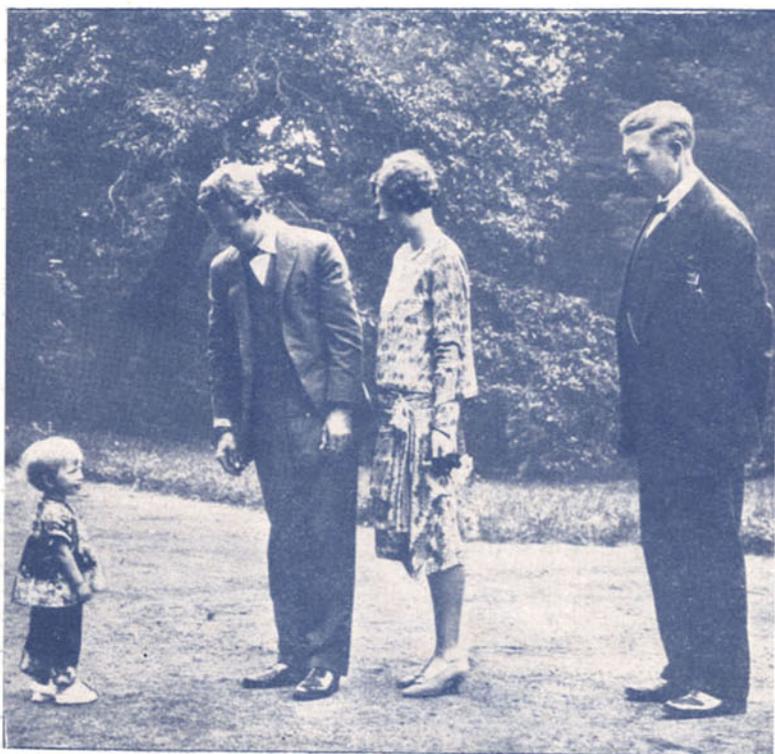
Quando a felicidade mais irradiava em sua volta, um raio de sol nimbando as cabecitas loiras dos seus filhinhos, a desgraça, raivosa, ciumenta de tanta ventura, mandou-lhe a morte ao caminho, quando, sorvendo gulosamente a vida, ela passeava com o esposo adorado por sitios de maravilha.

E quis a sorte, para maior crueldade, que o volante do automóvel que para sempre fechou os seus lindos olhos, fôsse conduzido pelo seu próprio companheiro escolhido com tanto amor e carinho, e que também com tanto carinho e amor lhe queria.

Todas as almas, e á frente de todas as almas femininas, do mundo inteiro hão de cobrir-se de negro, por esta morte e esta dor.

A morte da esposa, mãe e rainha, e a dor dêste rei e dêste povo, chorando juntos a perda do seu bem mais querido, a mulher, esposa dedicada e mãe amantíssima, e a soberana simples e caridosa, que tinha sempre um sorriso, nos lábios.

A Bélgica está de novo na berlinda do martírio, rodeado de corações ajoelhados, que a saudam respeitosamente.



## TRADIÇÕES ARISTOCRÁTICAS

## As grandes caçadas

DESDE que o homem existe, que a paixão pela caça entrou no mundo. O homem primitivo caçava por necessidade, para viver, para comer tinha fatalmente de caçar o que fazia com mil ardis, pois que as suas armas eram tão primitivas como ele.

Para se defender das feras que o rodeavam tinha de as matar, porque senão seriam elas, que o fariam desaparecer d'este mundo.

Os primeiros caçadores foram-no por necessidade, mas a paixão pela luta é tão natural no homem, que essa necessidade, tornou-se um prazer, uma satisfação.

E tanto assim é, que o homem conservou através dos séculos o prazer da caça, e hoje que o faz como desporto, mata com o mesmo prazer feras e faisões, aguias e perdizes.

A questão está em matar.

Depois do homem primitivo, a caça começou a aristocratizar-se. Eram os nobres que caçavam e era o passatempo mais querido, de reis e grandes senhores.

Falcões adestrados faziam as vezes das primitivas armas; aves e mestre falcão tinha nas côrtes medievais um lugar de destaque, porque da sua sabedoria e bom ensinamento das aves de preza, dependia a caça do rei e dos senhores, que tanto luxo faziam em ter grande número de aves mortas, ainda que fosse para atirar com elas ao povo, como se atiram migalhas aos animais, que mais não o consideravam.

Havia batedores para fazer sair dos seus covis os animais ferozes, ursos e lobos, pois a caça sem perigos não dava as comoções, que o homem apto para a luta sempre procurou. E então havia as ferozes lutas corpo a corpo, em que muitas vezes homem e fera rolavam por terra mortalmente feridos.

O homem a pouco e pouco foi-se civilizando, mas a paixão da caça manteve-se sempre a mesma e sempre viva e os reis continuaram sempre a caçar.

Papagaio real quem passa? «E' o rei que vai para a caça». Hoje só o papagaio se lembra entre nós, das caçadas reais, dessas lindas caçadas, que partiam do paço real.

O rei no seu soberbo cavalo, seguido por cavaleiros com os seus ricos trajos de caça e algumas damas, que arrojadas as havia, que não desdenhavam seguir com grande entusiasmo as caçadas, os falcões com falcões e gerifaltes no punho, falavam às aves, como que a incitá-

-las a que cumprissem o seu dever e os não deixassem ficar mal aos olhos do seu rei e senhor.

Na côrte de Luís XIV foram célebres as grandiosas caçadas. E' foi durante uma dessas caçadas, quando rebentava uma trovoadá, que abrigados debaixo duma árvore o rei apaixonado, começou o cêrco ao fraco coração de Luísa de La Vallière, que tão pronta estava a deixá-lo conquistar. E sempre e até aos nossos dias o homem é dominado por esse desejo de caçar, de matar inocentes animaisinhos, ou livrar o mundo de feras perigosas.

Ainda há pouco partiu para Angola um grupo de fidalgos espanhois, que se propõem matar feras no interior das selvas, onde tantas há, e em África inúmeros são os caçadores de leões, que se encontram mais ou menos marcados de cicatrizes, que as suas proezas venatórias lhes deixaram no rosto e no corpo, e que se ufam delas, como se gloriosas fossem, e algumas não deixam de o ser.

E' agora no outono que começa, que o tempo das caçadas na Europa onde hoje tudo é regulamentado, traz ao coração dos caçadores a máxima alegria e lhes dá o prazer de exercitarem a sua pontaria, que como desporto cultivam e que é um como galardão de elegância.

Mas na França, na Inglaterra, na Alemanha, não é só a caça de tiro que tem os seus amadores. E nos velhos e históricos castelos d'esses países, faz-se ainda a «chasse à courre» como lhe chamam os franceses, em que grandes matilhas de cães são lançadas na pista, de veados, ou raposas e num galope desenfreado em que são seguidos por caçadores a cavalo, perseguem o pobre animal, que acaba por cair extenuado e seria despedaçado pelos cães, se os batedores e chefes de matilha o não impedissem.

Estes cães, como os falcões de antanho, recebem um ensino especial que lhes permite caçar sem estragar o animal que perseguem.

Nos castelos de França estas caçadas são o pretexto para fazer uma vida de alta elegância. A aristocracia francesa convida-se entre si e aos



que se introduziram na sua sociedade, — ainda bem fechada, porque o francês, apesar de pertencer ao país da Liberdade e Fraternidade, é muito tradicionalista e empetigado no orgulho dos seus pergaminhos — para caçar nas suas terras.

E na sociedade elegante quem não tem um convite para passar ao menos, uma semana, de outono, num castelo mais ou menos histórico, para assistir às caçadas, não é gente.

A vida no castelo é sobretudo para as mulheres, um pretexto, para fazer vida de sociedade e exhibir «toilettes», porque é extraordinário o que pode a robustez humana, quando dedicada à ociosidade.

Esses homens e essas frageis mulheres, duma linha tão delicada que parece que uma aragem as levantará do chão como penas, depois de passarem o dia todo a cavalo em fatigantes e desenfreadas correrias tem ainda ânimo para fazer a sua «toilette», jantar e conversar animadamente e ainda dançar até à meia noite!

Nessas reuniões dos castelos de França são lançadas as grandes modas do outono, é aí, que as elegantes senhoras da aristocracia francesa lançam a alta moda, aquela que ficará talvez só para elas, no seu círculo tão fechado e elegante.

Um dos castelos onde as reuniões de caça eram mais célebres e mais elegantes era o castelo de Luynes, dos duques de Luynes, tios da rainha D. Amélia de Portugal.

E o mais interessante é que a duquesa de Luynes até ao fim da sua vida seguiu a cavalo as grandes caçadas do outono, sendo ela que dirigia os chefes de matilha, vigiava a educação dos seus cães, e tornava as suas caçadas as mais célebres da aristocracia europeia, pelo entusiasmo com que as dirigia e as seguia. Morreu esta senhora não há muito tempo aos 85 anos dos resultados duma queda de cavalo, em que quebrou uma perna.

Era a ilustre princesa, que tanto se interessava também pelas coisas intelectuais e artísticas, a digna representante duma raça de heróis, da mais resistente tèmpera.

E' essa vida elegante dos castelos em França, na Inglaterra e na Alemanha que dá o grande interesse às caçadas em que matilha, cavalos e homens voltam por vezes à barbaridade e à selvajaria do homem primitivo, perseguindo com feroz e infatigável energia um indefeso e pobre animal como a raposa ou o veado.

Dizia-me uma senhora frequentadora de caçadas, «Levo às vezes semanas antes que esqueça o olhar de agonia do pobre veado, quando é apanhado». Mas é preciso que a humanidade se divirta.

De resto, com toda a sua cruza, as grandes caçadas pertencem ao número dos últimos vestígios dum passado que teve os seus defeitos e a sua grandeza. Esses costumes que tendem a desaparecer constituem ainda hoje belos quadros de acção e de côr, em que o homem retoma o contacto com a natureza, de que a vida da cidade tende a fazê-lo esquecer-se. Daí a sua beleza rude que não pode deixar de seduzir aqueles que se sentem escolhidos pelo destino para ocupar um lugar proeminente entre os seus semelhantes.

Maria de Eça.



Quando em Portugal se frequentam hotéis, sobretudo em terras onde há uma convivência forçada com os outros hóspedes, onde se reúnem famílias inteiras, fica-se tendo uma péssima impressão do que é o amor materno entre nós.

No amor maternal da mulher portuguesa, salvo honrosíssimas exceções, não há a mais leve compreensão da responsabilidade moral, que representa a educação dos filhos.

A mulher portuguesa não educa os seus filhos, ama-os e enche-os de mimos. Supõe que toda a gente tem obrigação de lhe aturar as más criações, que as pobres crianças criadas sem freio nem respeito, exibem diante de todos, sem pudor algum.

As crianças apoderam-se das salas, onde fazem as maiores tropelias, onde encurdam e outros hóspedes, que se vêem obrigados a repreendê-los por serem, que os pais o não fazem, repreensões que são aliás recebidas com a maior indiferença, por quem a elas não está habituado.

As meninas, as más tratam de incutir o sentimento de coquetismo, vestindo-as a lóda a hora enfeitando-as como bonecas, sem se lembrar que mais tarde serão mulheres e que certos hábitos adquiridos na infância não se perdem facilmente, fazendo delas mulheres gastadoras, que pensam que primeiro que tudo, na vida, estão os seus caprichos, e que ao terem por sua vez a direcção dum lar, não terão regras de economia, nem acerto na restrição dos supérfluos.

O resultado da falta de educação, que o amor maternal impõe à mulher portuguesa faz-se sentir, a lóda a hora na vida dos hotéis, nos pequenos e nos grandes, que por sua vez foram criados com os mesmos disvalés pelas pobres mães, que tanto lhes quiseram e são as responsáveis pelo seu egoísmo e falta de atenção, pelo bem estar do próximo.

A lóda a hora que lhes apetece falam alto nos corredores, balem com as portas e quem se quer deitar cedo, para reparar as forças esgotadas dum ano de trabalho ou fazer uma sesta em que os nervos repousem, vê-se exposto a ter uma excitação nervosa, tal o barulho que se ouve a esse propósito tão justo em quem vai tratar a saúde.

Entre nós não pode haver estâncias de repouso, e, tudo porque as mães não sabem educar os seus filhos em pequenos e não é depois de crescer, que se adquire uma certa educação.

Habituada a frequentar hotéis no estrangeiro, terras onde se junta gente civilizada, sinto-me

triste ao fazer a comparação de como se educa lá e se deseduca aqui.

As crianças habituadas pelas mães a respeitá-las e a respeitar as pessoas mais velhas não se atrevem a incomodar os hóspedes. Têm leimas, são crianças como as outras? Naturalmente, mas têm-nas nos seus quartos com a sua família, nunca diante dos outros hóspedes, suas mães não lho permitem. As crianças estão habituadas a não incomodar a adaptarem-se à vida dos adultos e não a sacrificar estes com as suas fraquezas, expõem publicamente os seus maus instintos, que ninguém corrige.

Se uma criança se desmanda a mãe corrige-a e domina-a e não é com gritos e pancadões que o faz, é inteligentemente e com esse poder que o hábito de educar lhe dá.

Por isso nos corredores dos hotéis não se ouve o mais pequeno ruído depois das 10 horas da noite. Em *Casuliers* onde fiz uma cura de repouso, uma noite às dez e meia ao despedir-me dumas senhoras comovímo-nos a mais voz; no dia seguinte era-nos pedido para não falar àquela hora, porque havia doentes que se levantavam cedo e se incomodavam com o barulho. Achei justíssimo esse pedido e não mais voltei a dizer uma palavra.

Aqui pode haver doentes, pode haver moribundos, pode haver mortos, que o reboliço é sempre o mesmo e o mais interessante é que nem dão por isso, habituados a nunca restringir os seus costumes e a nada sacrificar aos outros.

E quem tem os seus filhos educados não os leva para hotéis em Portugal porque a minha observação deu-me, que duas crianças muito bem educadas e dirigidas, ao fim de quinze dias começavam a contaminar-se da má educação, quando estavam longe da mãe.

O que é para esta mãe um elogio, porque saber educar filhos representa uma inteligente compreensão dos seus deveres, para com a sociedade. Amá-las é o que dá a natureza, educá-las é o que exige a inteligência e a civilização. O papel da mãe na sociedade é da maior responsabilidade e é necessário que ela o compreenda.

Maria de Eça.

A Moda

Segue através da estação, accentuando cada vez mais as suas tendências, para marcar a feminilidade da mulher.

Aumenta o número de vestidos guarnecidos e enfeitados, e, vão sendo relegados para as horas da manhã, para as saídas a compras esses vestidos masculinizados, que foram o triunfo da mulher há alguns anos.

A Moda volta a favorecer os chapéus grandes e enfeitados, os vestidos guarnecidos, a mulher volta a «frefre-luche» que foi sempre o seu delírio e onde ela encontra o meio de esconder os seus defeitos e fazer realçar as suas belezas.

Sobressair numa «toilette» extremamente simples exige uma perfeição de linhas, que nem todas as senhoras possuem. As guarnições, os folhos, ajudam a mulher a disfarçar as suas imperfeições.

E' talvez esta a razão da preferência da maioria por este género de «toilettes».

Damos hoje alguns modelos para esta época de transição em que a maioria das elegantes, estão ainda nas praias da moda. Para de manhã como «toilette» simples, temos um elegantíssimo vestido em «jersey» branco com desenhos em azul escuro. Basta dizer que é Matita o seu tecido para todas as se-

# PÁGINA S FEMININAS

nhoras, que se prezam de elegantes, saberem que é tudo o que há de mais chique.

O casaco da máxima simplicidade é guarnecido por bandas em azul escuro e por um cinto do mesmo tecido com uma fivela azul escura.

Uma «echarpe» de seda azul escura e carteira da mesma cor, dão o tom a este conjunto, que o chapéu em feltro branco e as luvas em camurça, completam admiravelmente.

O corte da saia é também muito simples e tem apenas duas pregas disfarçadas.

Há muito que nos jornais de modas, as senhoras de idade madura eram completamente desprezadas e se queriam vestir à moda tinham de usar vestidos como os das suas netas. Isso modificou-se.

Aqui fica um lindo modelo para senhora de idade. É um vestido em renda preta, assente sobre setim preto a saia, e o corpo sobre setim branco. Uma espécie de casaco em «toilette» e renda dá a este vestido o aspecto sério, que deve ter uma senhora que já não é nova. O chapéu é em feltro guarnecido por uma linda pluma.



Maria de Eça.

A sombrinha tudo o que há de mais moderno, assim como a flor em setim preto e veludo branco que guarnece o cinto.

Como «toilette» de Casino damos um modelo encantador e muito original. O vestido em «chiffon» branco é tudo o que há de mais vaporoso e dá o aspecto dum quadro de Lawrence ou Gainsborough à senhora que o usar. Como guarnição na cintura em vez da clássica flor, um molho de cerejas, que sobressaem na brancura do vestido.

A saca de mão é também em «chiffon» e guarnecida com cerejas. O chapéu em veludo branco, tem a aba de baixo em veludo vermelho e é também guarnecido por um ramo de cerejas. É uma «toilette» de grande efeito a que as luvas altas em pelica branca dão o aspecto da mais alta elegância.

Para pantar a bordo, numa viagem, num cruzeiro ou mesmo num Casino, um lindo vestido em mesalinha de seda branca «simplimée», florida de grinaldas de flores multicolores, mas de tons dum grande doçura.

Um cinto muito largo em «strass» dá ao vestido, tão leve e gracioso, o cunho de luxo e elegância rica. As enormes mangas dão a nota original, que têm todas as criações de Maggy Rouff, e que este verão ela começou a lançar e obtiveram tão grande sucesso.

E' para notar a beleza das joias que acompanham esta «toilette». Colar, pulseira e «clip» do mais elegante e fino desenho. Com as modas actuais é bem fácil para uma mulher de gosto, vestir bem e ser muito elegante.

Está tudo em saber escolher o que verdadeiramente favorece e faz sobressair os encantos de cada uma. A grande arte está em saber escolher.

Os perfumes

De todos os tempos é a predilecção da mulher pelos perfumes. O perfume tem sido sempre a sua paixão, e ter o seu perfume muito especial é sempre para a mulher o seu máximo desejo. São conhecidos os perfumes orientais que tornaram célebres as mulheres de Israel e as mulheres da história oriental.

O perfume é como tudo uma questão de moda. Os grandes perfumistas ressentem-se dessa mania da uniformidade que ataca as mulheres.

Há épocas em que toda a mulher que se preza de elegante evolva à sua volta uma atmosfera de Coty, outras em que é Guerlain, que marca, outras em que Carou torna delicioso o ambiente.

E isto é um dos grandes erros da mulher, esta continua mudança, a mulher que quer ser elegante deve escolher o seu perfume, torná-lo bem pessoal, fazer umas misturas, que guardará bem secretas, e assim ela conseguirá não ser esquecida, quando esteja longe do homem amado.

A música e os perfumes são as duas coisas que mais evocam uma pessoa ausente, e a mulher bem cuidada de conservar a sua personalidade, não pode nem de maneira nenhuma usar os perfumes que toda a gente usa, que a vulgarizam dum maneira desconsoladora.

A verdadeira elegância dum mulher é a sua personalidade. Ser como é, ter a sua maneira de vestir, arranjar a sua casa marcando-a com o seu gosto pessoal.

Em tudo que a rodeia marcar bem a sua originalidade. Nada mais banal do que a mulher em série, que na sua «toilette», na sua casa, nas suas maneiras é igual a todas.

E no perfume que é como que a exalação da sua pessoa, deve ser mais exigente do que em qualquer outra coisa.

A personalidade e a escolha dum perfume marca mais, do que qualquer outra coisa a distinção e a elegância dum senhora que o sabe ser.

Higiene e beleza

Toma a mulher, que se preocupa de elegância tem o desejo bem marcado de possuir uma linha impecável, é bem comprehensível esse desejo na mulher moderna, que tem de usar vestidos exigidos, que marcam bem a linha do corpo.

Esse desejo era já o que dominava as Atenienses, que elevaram o seu culto da perfeição física a uma quasi que religião, a uma necessidade vital.

Para conseguir essa perfeição só ha um caminho a seguir a cultura física, feita como deve ser e o cuidado com a alimentação.

A ginástica tem de ser feita debaixo da direcção de quem a saiba ensinar, as massagens que a completam, por pessoa competente.

A alimentação já as nossas leitoras sabem que tem de ser escolhida e desceada de forma a satisfazer o apetite e alimentar o corpo, sem pulsoeima e sem excessos. A guloseima é o maior inimigo da elegância e a causadora de quasi todas as disformidades, que traz a obesidade.

Um ídolo feminino

Não ha muitos anos foi encontrado no Gabão francês, um ídolo feminino, que veio provar-nos que até nas regiões selvagens as mulheres são adoradas e consideradas deusas. Se representa um tipo de beleza indígena antiga, é para crer que as belezadas do país não são de encantar.

Foi achado por um explorador francês e supõe-se que seja milenario, o famoso ídolo. Pelo teor material do artefacto, a beleza não tem comparação com as tesouros de escultura que nos legou a antiga Grécia.

E' interessante notar que esse ídolo tem uns brinços que muito se assemelham aos das elegantes de hoje.

E' verdade que ha uns anos a esta parte, as europeias têm caprichado em procurar o mo-

dello dos seus adornos e das suas danças, no sertão. Os brinços compridos, as argolas, são enfeites africanos, o «Charleston», o «Black-bottom», a «Rumba» são danças de pretos.

E o «Jazz-band» é música de selvagens que só por selvagens pode ser apreciado.

Receitas de cozinha

Bolo de namorados: - 9 colheres de açúcar; 9 colheres de farinha de trigo; 3 colheres de sopa de manteiga, 2 ovos, uma colherinha de fermento inglês, meia chavena de leite.

Batem-se primeiro em castelo as duas claras, depois as gemas ás quais se junta em seguida o açúcar batido com a manteiga, deita-se a farinha e mexe-se bem, por último o leite e o fermento inglês. Torna-se a bater tudo com força. Barra-se bem com a manteiga, dá forma redonda, deita-se a massa e põe-se o bolo a cozer em forno regular, tapado com um papel barrado com manteiga. Desforma-se e deixa-se esfriar. Corta-se atravessado em três partes iguais. Faz-se com um quarto de litro de leite, uma colher de Maizena, algum açúcar, baunilha, chocolate e duas gemas de ovos, um creme bem espesso e barra-se com ele a fatia de baixo e a segunda, colocando por fim a terceira como tampa e cobrindo todo o bolo com o creme. Faz-se então com as claras batidas em neve-açúcar em pó e umas gotas de «cognac», um «glacé» para enfeitar por cima o bolo com um aparelho próprio. Guarnece-se o bolo ao gosto de cada um.

Os meios de comunicação

Tem-se progredido muito nestes últimos anos com os meios de comunicação. Nos tempos antigos remotissimos, comunicava-se a distancia por meio do fumo durante o dia e o lume durante a noite.

Depois começaram a ser utilizados os pombo-correios, que ainda hoje durante a guerra foram muito usados como mensageiros. Em 1500 os alemães começaram a instalar os correios a cavallo. Na Idade Média a França e a Itália começaram a usar os semáforos como meio de transmitir notícias. A Inglaterra acendia fachoos de lenha alceatrada sobre todas as colinas, quando avistou a armada espanhola.

Entre os povos selvagens usam-se ainda os tambores para transmitir mensagens numa vasta area.

Depois do periodo das diligências e dos correios a cavallo veio o telégrafo, depois o telefon e finalmente o rádio. A primeira mensagem a uma longa distancia, com telefon, fez-se em 1876, de Boston a Cambridge (Estados Unidos) um percurso de duas milhas.

Em 1922 houve a primeira conversa através do Oceano Atlantico. Em 1924 o presidente Coolidge, estando na Casa Branca, sem levantar o som da sua voz com, a naturalidade de quem

conversa, vulgarmente em familia, foi ouvido em todos os Estados Unidos e muitas partes da Europa. Hoje pode dizer-se que não ha distancias, as notícias sabem-se immediatamente. Nas mais remotas aldeias, ainda ha pouco tive occasião de observar no Minho, ha telefonias sem fios que transmitem as noticias de toda a parte.

A humanidade atingiu um grande grau de perfeição da comodidade. Em breve a television será a mesma diffusão e estarão acabadas as distancias. Os aviões devoram quilómetros e o mundo será todo percorrido, não em oitenta dias mas sim em oito. A civilização avança e a humanidade enervada não é mais feliz.

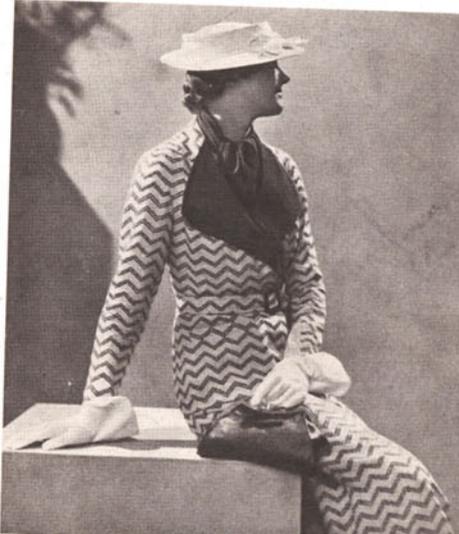
De mulher para mulher

Violeta: - Foi encantadora a sua ideia de aproveitar tão utilmente a sua villegatura vestindo e ensinando as creancinhas, que rodeiam a sua casa, naturalmente que deve escrever ás suas amigas que estão em identicas circunstancias e poderá assim fundar uma obra a que chamarei: «O bem nas férias». E assim divertirse-ão com mais utilidade, do que nos pontos onde só se dança.

Diana: - Siga o exemplo de Violeta e já se não aborrecerá, e não terá tempo de fazer tão longa jeremiada sobre o isolamento e a falta de distração. A distração está em nós mesmos.

Alite: - Não acha a sua filha ainda muito nova para começar a frequentar bailes? A minha opinião é que antes dos 16 anos é cedo, mas no caso de continuar nessa ideia faça-lhe o vestido em «organdí» branco, que irá maravilhosamente á sua modicidade.

Sempre: - Tenha cuidado com esses entusiasmos. Esses «flirts» de praia são em geral sem consequências matrimoniais, como diz, e acho que se elle tivesse intenções sérias já se teria declarado. Observe bem, com calma e não se entusiasme antes de tempo.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRESA

Está publicado o n.º 63 de *O Charadista*. Como sempre, apresenta-nos ótima e variada colaboração da especialidade e a sua habitual e interessante secção «Noções sobre charadismo».

O seu fundo, «O nosso primeiro congresso», contém matéria importante, digna de ser ponderada por quantos ao charadismo dedicam as suas horas de ócio. Encara a possibilidade, ou melhor, a necessidade de se organizar o I Congresso Charadístico, que se realizaria na cidade de Lisboa com representantes dos confrades de além-mar.

Charadisticamente, a idéia é digna dos maiores aplausos e de ser olhada com carinho por todos os epístas.

Que *O Charadista*, apoiado nas revistas brasileiras da especialidade — *Jornal de Charadas e Deca* — não desfaleça do seu propósito e que o solicitado auxílio de quantos à causa nunca negaram o seu valioso concurso seja prontamente prestado com a apresentação de idéias e alvitres é quanto importa fazer — a bem do charadismo.

CORREIO

*Vilarinho* — Lisboa. — Não interessa nem vale a pena, creia, adoptar nas secções mais modalidades charadísticas. Todas as outras além das presentemente adoptadas e cultivadas não passam de imitações e repetições sem interesse digno de cultura. A confirmar isto está a atitude de todos os directores charadísticos, que, numa igual compreensão da verdade, aboliram quasi simultaneamente nas secções que dirigem todas as outras espécies — dos directores de secções e dos bons charadistas, que prontamente compreenderam que, na verdade, não valia a pena continuar a perder tempo com tais velharias.

Eis, muito singela e sinceramente a nossa opinião — que, afinal, é a de todos...

APURAMENTOS

N.º 33

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 29

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAGNATE

N.º 31

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 10, Dr. Ferol; n.º 17, Olho de Lince

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 31 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Magnate

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 28. — Rei-Luso, 28. — Só-Na-Fer, 28. — Só Lemos, 28. — Sonhador, 28. — João Tavares Pereira, 28. — Ti-Beado, 28. — Lamas & Silva, 20. — Salustiano, 18.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 12. — Lisbon Syl, 12. — Aldeão, 10

DECIFRAÇÕES

1 — Suspenso. 2 — Chavelha. 3 — Azafamado. 4 — Embrulhada. 5 — Relá. 6 — Imperador. 7 — Brioso. 8 — Trafalha-tralha. 9 — Safaras-Saras.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 42

- 10 — Soneca-soca 11 — Morundo-modo. 12 — Marasmo-mamo. 13 — Astaco-asco. 14 — Refinarena. 15 — Nanico-naco. 16 — Outeiro-ouro. 17 — Tianhas-tinhas. 18 — Tarolo-talo. 19 — Francisca-franca. 20 — Tantito-tanto. 21 — Salgado-saldo. 22 — Labrego-lago. 23 — Abada-Ada. 24 — Remeter-reter. 25 — Escrito-esto. 26 — Cadeira-cara. 27 — B. T. L. 28 — Leve-vedo-lêvedo. 29 — Calvário. 30 — Papa, lapa, popa, pava, papo. 31 — *Mais se tira com amor que com dor.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

- 1) A *arranhadura* até me fere o coração, o que significa que vai em aumento. (2-2) 3. Lisboa *Filho d'Algo*
- 2) *A pesar de* você não quer revelar o seu segredo, eu sei a forma de o adquirir. (2-2) 3. Leiria *Magnate*
- 3) Tem fama essa «flor» perfumada. (2-2) 3. Lisboa *Moreninha*
- 4) De açúcar de grossos cristais é que se alimenta a «mulher» de um homem ingénuo. (2-2) 3. Luanda *Ti-Beado*

NOVISSIMAS

- 5) «Este» homem faz-me queixa de ser muito pobre. — 1-2. Leiria *Kábulá*
- 6) Um *lingueiro* ocasiona por vezes bulha forte e intrigas aleivosas. — 2-1. Lisboa *Miles de Tricles*
- 7) Nesta terra, quem tiver crença pode montar um botequim. — 1-1. Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

21) ENIGMA FIGURADO



8) Eu, como «homem» sério, nunca me «rio» duma «mulher» perdida. — 2-2.

Lisboa *Veiga*

(*A interessante criatura, uma declaração...*)

9) Uma palavra sua e seria, além de rapaz galante, até um excelente namorado. — 2-1.

Lisboa *Vidalegre*

SINCOPADAS

- 10) *Comprometido e falso!* — 3-2. Lisboa *Augustelo (T. M.)*
- 11) Foi uma reprovção (\*) estúpida. — 3-2. Lisboa *Dr. Ferol*
- 12) Fica sempre ofendido qualquer melindroso. — 3-2. Lisboa *Ferjobatos*
- 13) A varina precisava de um castigo. — 3-2. Coimbra *Gisita (C. C. C.)*  
(*Ao illustre confrade «Magnate»*)
- 14) Os cereais dão muito rendimento? — 3-2. Leiria *Kábulá*
- 15) Vi uma pessoa atoleimada sair de um bosque. — 3-2.
- 16) Homem forte, como o fraco, corre perigo. — 3-2. Lisboa *Olho de Lince*
- 17) Tens de deliberar a maneira de eu tornar a ver o meu processo. — 3-2. Lisboa *Vitor Pinto Pinheiro*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

- 18) Por masculino  
As letras dão  
Massa de gente,  
A multidão.  
Por feminino,  
Já mais suave,  
Só se apresenta  
Pequena «ave».  
No aumentativo  
A coisa é vária,  
Porque nos mostra  
Gente ordinária.

Coimbra *José Tavares*

NOVISSIMAS

- 19) «O» vento, fero, admoesta — 1  
Algun invisível ser...  
E a chuva, a sua vizinha,  
Põe-se a chorar... é mulher...  
Épocas há em que o quadro  
De crebro se faz sentir:  
Dum lado — o vento iracundo,  
Do outro — a chuva «a» carpir... — 1  
Mas, dessa desharmonia  
Coisa laudável redunda:  
Água desbaratadora  
Da lama que «a» gente afunda!...  
Silva Porto — Bié *Efonza*
- 20) O Chico Rebocho  
É um «beberrana»  
Que «atiga» no «roxoo»,  
No vinho, com gana. — 2  
Se — a \*medo\*, coitada — 3  
Lhe prega um «sermão»  
A espôsa, ennojada,  
Zás! Trás! Cachação!  
E ao passo que a «esmurra»  
Grita-lhe — o brutinho! —  
«Então não é burra?!»  
«Ter horror ao vinho!»  
Lisboa *Sileno*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

(\*) em exame.

# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Com uma enorme e seleta concorrência, composta das principais famílias da nossa primeira sociedade, que actualmente se encontram passando o verão, na Praia das Maças, Colares, Azehnas do Mar, Ericeira, Sintra, Cascais e Estoril, realizou-se na noite de 31 de Agosto último, um interessante «Arraial popular», com todos os divertimentos que são de uso nestes folguedos populares, que fizeram belo negócio sobre tudo as barracas de «comes e bebes».

O aspecto do elegante recinto do «Arraial popular», cujo produto se destinava a favor do Preventório de Colares, nessa noite era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o gracioso grupo de senhoras da nossa melhor sociedade que tinham a seu cargo as várias barracas e que se apresentaram com artísticos trajes regionais.

Na assistência além de grande número de famílias espanholas, que se encontram veraneando nessa praia e arredores, recorda ter visto as seguintes:

D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, Princesa de Broglie (D. Helena), Marquesa do Cadaval, Marquesa de Fontes Pereira de Melo e sobrinha, Condessa de Seisal, Condessa das Antas, Condessa do Cartaxo, Condessa de Monte Real e filha, Condessa de Castelo Mendo, Condessa de Mangualde, Condessa da Torre e filha, Condessa de Tomar, Condessa de Castelo Mendo (D. Rita), Viscondessa de Pernes e filha, D. Helena de Moura e filha, D. Teresa de Melo e Castro de Vilhena, D. Julieta Pereira Forjaz de Sampaio, D. Rita de Somer Pereira, D. Teresa de Melo Breiner Pinto da Cunha e filhas, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e filhas, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Josefina Moraes de los Rios Froes e filhas, D. Catarina de Vilhena de Sousa Régio, D. Maria Teresa Brifa Raposo de Sousa Alto Espargosa e filhas, D. Eugénia Barbosa de Guimarães Serodio e filha, D. Piedade Lobato de Melo e filhas, D. Maria Moniz Zarco da Câmara D. Maria Guilhermina Palenc, D. Amélia de Guimarães Carvalho Maia e filhas, D. Eugénia Burnay Carvalhosa e filha, D. Maria da Glória Horta e Costa de Vasconcelos, D. Vitorina Veloso Salgado e filha, D. Maria Amélia Tamagnini Alves da Fonseca, D. Maria Luísa de Carvalho Monteiro, D. Maria Pellen de Campos de Andrade e filha, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Maria da Assunção Possolo Pellen e filha, D. Vera Seixas de Lima Mayer, D. Estrela Lopes Fernandez Jurado e filhas, Senhora de Alberto Tota, D. Cesáldina da Silva Carmona e Costa, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, D. Maria Emília Neves de Bivar, D. Leonor de Mascarenhas Neves, D. Maria do Carmo Mendes de Almeida de Figueiredo, D. Maria Emília Mendes de Almeida Abecassis, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Francisca Camacho de Sousa da Câmara, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Beatriz Telo de Magalhães Colaço, D. Maria Helena Cordovil Mexia de Almeida, D. Fernanda Sacadura Cabral Teixeira, D. Maria da Câmara Pereira e irmã, D. Maria Plácido de Melo Breiner (Mafra), D. Maria Eugénia Mendes de Almeida, D. Maria Luísa Ferreira de Lima de Bettencourt, D. Maria Eugénia Vaente Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Amélia e D. Maria José Teixeira Bastos, D. Rita Moraes de los Rios de Castro, D. Francisca de Vasconcelos e Sousa, D. Maria Amélia e D. Maria de Macedo de Sande e Castro, D. Antónia Bettencourt Afra, etc., etc.

A comissão organizadora composta das senhoras D. Alice Capelo de Moraes, D. Amélia de Carvalho Maia, D. Beatriz Telo de Magalhães Colaço, condessa de Mangualde, condessa de Seisal, condessa da Torre, D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Estela Lopes Jurado, D. Helena de Moura, D. Maria Amélia Tamagnini Fonseca, D. Maria Augusta Maia, D. Maria do Carmo da França, D. Maria do Carmo Sacadura Cabral Mexia de Almeida, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Maria Pellen de Campos de Andrade, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, e marquesa de Cadaval, ficou gratíssima para os srs. capitão Belmiro Fernandes, digníssimo administrador do conceito de Sintra, pelas facilidades concedidas, Alberto Tota, pela cedência dos vinhos da sua adega, Juan Prieto, pela oferta gratuita do terreno, onde foi instalado o «Arraial», e finalmente o dr. Fernando Pizarro de Sampaio e Melo, pela forma como coadjuvou a mesma comissão.

## Casamentos

Realizou-se em uma das dependências da paróquia de S. Mamede, com muita intimidade o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Macieira Boneville gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Margarida

Queriol Macieira e do sr. Antoine Boneville; com o distinto alferes de engenharia sr. Henry Durmont Nesbitt, filho da sr.<sup>a</sup> D. Henriette Durmont Nesbitt e do sr. Georges Nesbitt já, falecido.

Foram padrinhos por parte da noiva sua mãe e seu tio materno sr. dr. Luís Queriol Macieira e por parte do noivo, sua mãe e seu irmão o sr. Georges Durmont Nesbitt.

Serviram de «Damas de Honra» as sr.<sup>as</sup> D. Maria Luíza Macieira de Barros, prima da noiva e D. Aida Durmont Nesbitt, sobrinha do noivo, e de caudatárias as meninas Maria Madalena de Sá Pais do Amaral Macieira, prima da noiva, Maria Henriquette e Maria da Nazaré Durmont Nesbitt, sobrinhas do noivo e Maria Manuela Sequeira de Oliveira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, à rua Alexandre Herculano, um finíssimo lanche, partindo os noivos, depois para Tomar, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Tanços, onde fixaram residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na assistência à cerimónia viam-se as sr.<sup>as</sup>.

Condessa de Alferrarede, D. Henriette Durmont Nesbitt, D. Maria Filomena Lamarão Vieira da Rocha, D. Suzana Ferreira Nesbitt e filhas, D. Teresa Iglésias Scarnichia, D. Sofia Batalha de Freitas, D. Maria de Santos Aires de Campos (Amcal), D. Cristina Macieira de Farros e filhas, D. Maria da Assunção Gonçalves Crespo Nesbitt, D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Aida Durmont Nesbitt, D. Ângela Rollim Santos, D. Dora Violet, D. Cristina Daisy Westwood, D. Luísa de Sá Pais do Amaral Macieira e filha, D. Berta Macieira de Vasconcelos Porto, D. Palmira de Castro Pita Sarmiento Brandão, D. Fortunata Benahon, D. Olímpia Neto Monteiro de Barros, D. Corina de Almeida, D. Isabel e D. Fernanda Reis, D. Maria Ângela, D. Maria Helena e D. Isabel dos Santos Moreira, D. Vera e D. Helena Quintão Tojירו, D. Maria Fernanda Braga da Costa Lago, etc., etc.

## E os srs.

General Vieira da Rocha, Conselheiro Scarnichia, Major João de Barros, Dr. Luís Queriol Macieira, Miguel de Vasconcelos Porto, Dr. Augusto de Castro Pita de Sarmiento Brandão, Dr. Jorge de Melo Portugal, José Guilherme de Melo Portugal, Vitor Rollim Santos, comandante Nuno de Brion, capitão Henrique de Brion, Georges Durmont Nesbitt, Dr. Santos Fernandes, Edward Durmont Nesbitt, alferes Manuel Barreira Antunes, António Andrade, alferes José de Azevedo Monteiro de Barros, alferes Vasco Baltazar Brites, aspirante Varão da Cunha, Artur Franco, José Guilherme de Melo Portugal, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

— Foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Piedade Valdez Briffa, esposa do Comendador Domingos Briffa, para seu neto, o distinto engenheiro da Lusanite, sr. Conde de Alto Mearim, filho mais velho dos falecidos srs. Condes de Alto Mearim, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cristina Maia de Carvalho, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Judite Maia de Carvalho e do sr. Bernardino de Carvalho.

A cerimónia realizar-se-há por todo o próximo ano.

— Em Oeiras, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vitória Cabral Sousa e Lince, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Guilhermina de Vilhena Cabral Lince e do sr. dr. Francisco de Serra Sousa Lince, com o sr. dr. Acácio Alberto de Abreu Faria, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laurinda Teixeira de Abreu Faria e do sr. dr. Eduardo Ernesto de Faria.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Manuela Lince, e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Presidiu ao acto o reverendo Mariano Vinhas, missionário de Maria, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta de Mesquita Teixeira Diniz com o engenheiro sr. Carlos Augusto Rebelo da Silva, realizado na paróquia de Lourenço Marques

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Alcácer do Sal, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na capela particular da residência da sr.<sup>a</sup> D. Silvina da Conceição Lopes e do sr. António de Paula Lopes, em Abelheira, Aqualva, perto do Cacem, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Virgínia Raquel, com o sr. Celestino Augusto de Jesus, filho da sr.<sup>a</sup> D. Augusta Eugénia de Jesus, e do sr. Alexandre Augusto Jesus.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria de Jesus Correia Lopes e D. Mariana Mendes de Araujo Matoso e padrinhos os srs. capitão Vasco Fernando Lopes e Luís da Glória Matoso.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia da Graça, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Glória de Magalhães, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria de la Assuncion de Magalhães e do sr. Francisco Júlio de Magalhães, já falecido, com o sr. António Pereira de Carvalho, filho da sr.<sup>a</sup> D. Rosinda Laura Pereira de Carvalho e do capitão sr. Mario Afonso de Carvalho.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, sua mãe e o sr. dr. Mario dos Reis e Villa, distinto assistente da Universidade Técnica e sub-inspector das Alfândegas, e por parte do noivo seus pais.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Deve-se realizar por todo o corrente mês, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Glória Nobre de Gusmão, licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Francisca Augusta de Gusmão e do sr. Manuel Nobre de Gusmão, com o distinto engenheiro sr. Jaime de Moraes, filho da sr.<sup>a</sup> D. Magna Fernandes de Moraes e do sr. Justino de Moraes, já falecido.

D. Nuno.



Ida Lupino dá o último retoque na sua primorosa maquiagem

a beleza feminina recorre sempre, em maior ou menor medida, ao artifício. O que pode talvez significar uma diferença é o facto de o cinema ter elevado esse artifício a um requinte até então ignorado.

Ora este requinte de artifício consiste essencialmente na maquiagem. Digamos pois algumas palavras sobre essa arte subtil, que interessarão possivelmente as leitoras que se disponham a ler este artigo.

Um grande mestre de caracterização dos estúdios duma empresa de Hollywood, falando sobre os segredos da sua arte de transformar os rostos femininos, faz a seguinte advertência:

«A maquiagem só pode resultar num rosto cuja epiderme se encontre de perfeita saúde».

Assim, se a maquiagem não se conserva, se o rosto parece absorver o *rouge*, não se deve condenar impensadamente os produtos empregados. Na maioria dos casos, a origem está na pele demasiado gordurosa que deve ser convenientemente tratada. Pelo contrário, se a cor forma borrões ou se incrusta nos poros é porque a pele está irritada. Impõe-se um tratamento suavizante.

Outro facto que convem acentuar é que a moderação no uso da maquiagem é condição imprescindível para se obterem bons resultados. É um erro pensar que uma artista de cinema usa grandes quantidades de produtos de beleza. A composição do seu rosto é o resultado de pacientes estudos, de experiências dos especialistas. Mas os resultados obtidos representam um número limitado de meios, aproveitados ao máximo. Todo o excesso teria como consequência carregar a expressão e privá-la, portanto, dessa pureza que é a sua mais preciosa qualidade.

Essa experiência pode de resto fazê-la quem quer que se faça fotografar com uma intensa maquiagem e reproduzidas com mais ou menos felicidade.

Nos seus trinta anos de idade, o cinema exerceu tanta influência na beleza feminina, como todas as outras artes em séculos de existência.

Esta afirmação pode suscitar protestos e mesmo entre os que estejam dispostos a reconhecer o valor dessa influência não faltará quem seja de opinião que, longe de ser benéfica, ela desviou a beleza do seu trilha clássico, com manifesto prejuízo, portanto, para as eternas leis da harmonia.

Nesta, como em muitas outras questões, a verdade não se entrega exclusivamente a um dos critérios, antes se faz partilhar por todos com o seu tradicional ecletismo. Abster-nos-emos de acrescentar ao debate a nossa opinião, para nos limitarmos a registar a indiscutível influência que o conceito da beleza humana sofreu na nossa época, por virtude da aparição e desenvolvimento do cinema.

Existe hoje um tipo de beleza cinematográfica. A leitora — a quem este artigo é por natureza destinado — pode individualizá-lo em quem entender: Marlene, Greta Garbo, Joan Crawford ou outra qualquer. São, sem dúvida, tipos bem diversos de mulher e a nenhuma delas falta, por certo personalidade. E contudo há entre elas qualquer coisa de comum. É o artifício, se quiserem. Porque a verdade é que essas mulheres não existem na vida real e só depois do cinema as ter «fabricado» começam a ser copiadas e reproduzidas com mais ou menos felicidade.

A beleza cinematográfica é, portanto, artificial? Em todo o caso essa distinção parece insuficiente porque em todos os tempos

## ENSINAMENTO O CINEMA

# PRÁTICA DE BELEZA

Alguns segredos da arte da maquiagem segundo os especialistas de Hollywood

gem, julgando obter com isso melhores resultados.

A escolha e distribuição das cores no rosto é um dos capítulos mais complexos desta ciência difícil. No cinema tudo é regido pelas exigências da fotografia em claro-escuro e pela sensibilidade da película às cores. Não é esse aspecto particular do problema que pode interessar às leitoras e por isso nos limitaremos a anotar alguns princípios aplicáveis na vida corrente.

Importa antes de tudo conhecer as propriedades do *rouge* e do pó mais ou menos claro. Sobre o *rouge* deve sempre ter-se em conta que dá relevo às partes do rosto onde se aplica; em contraposição, faz perderem-se na sombra as regiões circundantes. Assim, aplicado sobre as maçãs do rosto, fá-las sobressair; sobre o lado das faces, ensombra os lados do rosto e fá-lo parecer mais estreito.

O pó claro dá importância às partes de rosto sobre que se aplica. As mulheres que têm o nariz demasiado pequeno têm, por isso, vantagem em usar sobre ele um pó de tom mais claro de que no resto do rosto.

As múltiplas aplicações destes princípios basilares constituem as regras duma maquiagem harmoniosa. Mas há outras não menos importantes, que a mulher elegante não pode perder de vista.



Jack Dawn, chefe dos serviços de caracterização da «Metro», aplica a Ann Daring um processo da sua invenção. Consiste em dar às unhas um banho metálico que se fixa por processo idêntico ao da maquiagem dos metais

Para ser uma arte, a maquiagem não deve tornar um rosto banal, embora formoso. A personalidade é condição essencial da beleza. Nada mais absurdo do que pretender adoptar a si própria em tipo de formosura consagrado que, por mais admirável que seja, terá sempre o defeito de ser pouco original.

Para a mulher que é naturalmente formosa a maquiagem deve limitar-se a seguir a natureza tão de perto quanto possível, procurando apenas acentuar o tipo. Em que consiste acentuar o tipo? Em dar destaque ao que o rosto tem de mais significativo, acentuando fortemente certos contrastes. Assim, uma mulher de linha esguia e flexível, de cabelos negros e rosto pálido, cometeria um erro imperdoável se usasse *rouge* nas faces. Convém-lhe, pelo contrário, acentuar a palidez e pode fazê-lo pelo contraste dos lábios muito vermelhos e dos olhos habilmente sombreados. Mas só uma mulher de rosto em oval alongado deve empregar este género de maquiagem.

O tom do *rouge* a empregar requer também cuidadosa escolha. Os especialistas são de opinião que ele deve variar com a estação do ano. É ir talvez demasiado longe. Limitar-nos-emos a dizer que nos países de sol vivo, como o nosso, convém os tons em que participa ligeiramente o azul.

Um dos elementos fundamentais da maquiagem é o pó de arroz. Raras mulheres o sabem aplicar convenientemente. Em primeiro lugar é preciso acentuar que nunca se deve esfregar a pele. A irritação dos poros é o menos que pode acontecer a quem não atende essa regra importantíssima. O pó deve ser aplicado sobre o «creme de fundo», com um arminho ou um pedaço de algodão hidrófilo. Deve pôr-se grande quantidade, esperar-se alguns minutos e retirar o excesso com uma escova muito macia. Só assim se consegue um tom uniforme, liso e natural.

Cabe aqui dizer que, segundo um princípio que atrás enunciámos, convém usar na testa um pó de tom mais claro. As partes do rosto revestidas de pó mais claro tornam-se, na aparência, mais amplas. E uma frente espaçosa é um factor importante da beleza. As nossas leitoras que se dispuserem a experimentar este pequeno *truc* ficarão surpreendidas com o resultado.

Escusado será dizer que o *rouge* dos lábios se deve harmonizar com o do rosto. Certas mulheres que têm uma boca demasiado pequena podem aumentá-la por uma hábil aplicação de *báton*. Convém dizer que a operação é difícil. Os técnicos de maquiagem do cinema criaram para isso lápis especiais no mesmo tom que,

mais aguçados e feitos dum *rouge* mais seco, permitem obter traços mais definidos. Com eles se deve fazer o contorno que depois se preenche com o *báton* usual.

Um camada espessa de *báton* sobre os lábios é do mais desagradável efeito. Para evitar isso, deve primeiro passar-se sobre os lábios um pouco de manteiga de cacau, e em seguida aplicar-se o *rouge*. Alguns segundos depois passa-se ligeiramente um dedo sobre os lábios para retirar o excesso de *báton*.

É nos olhos que, mais que em nenhuma outra parte, se deve



Em cima: Para colorir o cabelo de Betty Furness, o técnico da maquiagem Jack Dawn fez experiências no pó de um corcho branco. À esquerda: Max Factor, um dos mais reputados especialistas de beleza de Hollywood, trabalha na caracterização de Jane Knight

rosa. O arco normal é o único desenho aconselhável. Certas fantasias que outrora se usaram estão hoje completamente fora de moda. As mulheres que têm os olhos demasiado afastados, podem remediar esse inconveniente deixando que as sobrancelhas se aproximem quanto possível, sem que, como é evidente, cheguem a unir-se. Do mesmo modo, pode obter-se um

efeito de afastamento dos olhos, deixando entre as sobrancelhas um espaço maior. As sobrancelhas devem ser depiladas por baixo para que a arcada fique mais elevada.

As pestanas são um dos pormenores do rosto da mais alta importância. Todo o cuidado que se lhes dedique é, portanto, bem empregado. Para as embelezar usa-se o *rimmel* mas a sua aplicação é muito delicada e nesta, como em tantas outras cousas, o comedimento é de rigor. Eis, portanto, alguns ensinamentos que da larga experiência dos especialistas do cinema se podem colher.

A isto acrescentará cada leitora o que o seu bom gosto e a sua prática lhe ditarem.

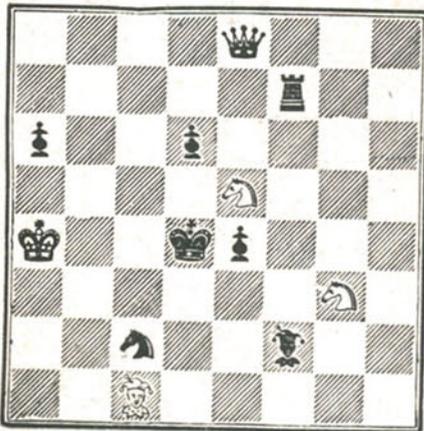


**Xadrez**

(Problema por V. Luzar)

Branças 5

Pretas 7



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

**O valor do silêncio**

Um médico londrino, conhecido pela sua verbosidade, fizera com um dos seus amigos, uma aposta de 100 libras esterlinas que durante o prazo dum ano, não diria uma palavra.

Esta aposta, cujas condições foram referendadas por testemunhas escolhidas com todo o cuidado, começava a vigorar em 10 de dezembro de 1932 e devia, naturalmente, terminar em 10 de dezembro de 1933.

Durante todo esse tempo, o nosso médico que desejava ganhar a aposta — se lhes parece, que não valia a pena! — só se fez compreender às pessoas da sua intimidade e a alguns de seus clientes, por sinais, gestos ou letras. Hoje, que tem a aposta ganha e bem ganha, estando de posse da quantia apostada, às pessoas que o interrogam, declara que evitou assim tantos aborrecimentos que considera inapreciável o silêncio que impuzera a si próprio.

**Anedotas**

Um distraído encontra na rua uma senhora do seu conhecimento, acompanhada de uma ama, com uma creança nos braços:

- Que idade tem o seu filho, tão bonito?
- Cinco meses.
- E não tem mais nenhum, abaixo dêste?

O médico: — Previno-o de que sua sogra está doente... Não tem a língua nada boa.

O genro: — Isso não quer dizer nada. Ela não precisa estar doente, para ter a língua péssima.

**Subtilezas femininas**

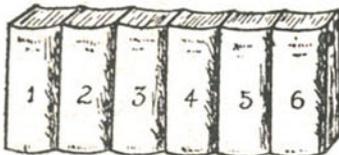


— Olha lá, Gina, tu eras capaz de casar com um homem por dinheiro?  
 — Eu não, Deus me livre! Mas o que eu queria era que meu marido andasse alegre e bem disposto, e não vejo como isso havia de ser se ele não tivesse bastante dinheiro. —  
 (Do The London Opinion).



Quantas páginas há aqui?

(Problema)



Estes seis volumes contem, cada um deles, o mesmo número exacto de páginas, numeradas, seguidamente, da primeira do primeiro volume, à última do último. A soma dos números das primeiras e últimas páginas de todos os seis volumes é de 9.222. Quantas páginas tem cada volume?

**A secretária do milionário**

Nos romances ou nas peças de teatro tem-se visto muita vez o «chefe do escritório» casar com a sua «dactilógrafa» mas é raro ter-se visto um «chefe de escritório», rico, fazer a dactilógrafa sua herdeira.

Naturalmente, foi na América que este caso se deu, há uns três anos. Segundo contaram jornais de Nova York, o milionário americano Muldoon, de oitenta e seis anos, adoptou a sua fiel secretária para a tornar herdeira da sua fortuna. Sabe-se que um milionário na América é aquele que possui, pelo menos um milhão de dollars, isto é, 22.750.000\$00 da nossa moeda.

Eis uma herança que fará crescer água na boca a mais duma secretária dactilógrafa.

**O cúmulo da previdência**

O paquete inglês monumental, *Queen Mary*, recentemente lançado ao mar, deverá fazer a viagem de inauguração, na primavera de 1936.

Mas é tão grande o entusiasmo dos ingleses por este navio que, em Janeiro de 1935 já 450 pessoas tinham adquirido as suas passagens para tomarem parte nesta viagem.

O primeiro a inscrever-se foi um inglês, o qual já fizera várias travessias do Atlântico, mas que, recendo perder a primeira do mais poderoso paquete do Imperio britânico, se dirigiu aos escritórios da Companhia para tomar o seu beliche, há quatro anos logo que a noticia da construção do navio nos estaleiros da Clyde, foi anunciada na imprensa.

Isto é que fazer projectos com bastante antecedência!

**Palavras cruzadas**

(Solução)

A	L	A	R	M	F	U	R	O	
S	Á	I	M	A	G	O	I	V	
A	A	M	O	R	O	S	A	O	
R	E	M	A	R	A	S	M	A	S
L	E	R	L	E	A	M			
O	V	A	P	A	R	S	A	L	
A	Ç	O	R	B	S	V			
U	S	A	I	S	M	O	E	I	S
V	I	Ç	A	V	E	I	S	I	
A	S	A	L	I	S	A	O	S	
S	E	I	S	L	R	I	S	O	

**Bridge**

(Problema)

- Espadas — 4, 3.
- Copas — — — —.
- Ouros — A., 4, 3.
- Paus — 4, 3.

Espadas — — — —. **N** Espadas — — — —.  
 Copas — R., V. **O** Copas — A., D., 10.  
 Ouros — D., 10., 8. **E** Ouros — V., 9, 7.  
 Paus — A. D. **S** Paus — R.

- Espadas — 2.
- Copas — 4, 3, 2.
- Ouros — R., 5, 2.
- Paus — — — —.

Trunfo é espadas. S joga e faz seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus e a seguir o 3 de paus, baldando-se N a ouros. S joga o Az de copas e a seguir o 2 de espadas, entrando N com o Rei de espadas e jogando o Az de espadas para S se baldar a Dama de copas. Conforme O se baldar a ouros ou copas fará S o Az de ouros e Dama de ouros ou o 5 de copas de N e Az de ouros de S.

**Glorificação do tambor**

Maurício de Laxonia, o vencedor de Fontenoy, declarava que para fazer marchar bem as tropas era necessário o rufo dos tambores e o som dos pífaros.

«Não há quem não tenha visto, escrevia êle — pessoas dançarem a noite inteira, dando pulos contínuos. Mas se se disser a um homem que danse uma hora sem música, êle cairá em breve, extenuado no chão.

Agora, se me perguntarem que música se deve tocar para fazer um homem marchar, responderei que todas as árias a dois ou três tempos, que se tocam no tambor ou no pífaro, são muitíssimo próprias. Afirmo, ainda mais, que é impossível fazer-se uma carga vigorosa sem êsse ritmo».

Um general dizia um dia a Napoleão que o tambor é um instrumento bárbaro que atordoar os ouvidos menos sensíveis, etc., etc. Mas o Imperador respondeu: «O som do tambor faz lembrar o do canhão: por êste único facto êle deve ser adoptado e apreciado».

Á uma hora da tarde do dia 13 de maio último, décima terceira hora do décimo terceiro dia do mês, três vezes treze homens sentaram-se a almoçar a três mesas de treze cada uma, num hotel de Londres. Eram membros do «Club dos Treze» e seus convidados.

Acaba de sair a 2.<sup>a</sup> edição do

# MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. . . . . 6\$00
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . . . 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . . . 7\$00
- Lingua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. . . . . 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. . . . . 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. . . . . 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## À VENDA

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO, AMPLIADA

# ALTA RODA

POR JÚLIO DANTAS

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc. . . 17\$00 broch. . . . . 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras do ilustre professor DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934) . . . . . 5\$00
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico) . . . . . 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) . . . . . 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina) . . . . . 7\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA  
e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante  
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as  
principais casas editoras de ESPANHA,  
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,  
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**  
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros  
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques  
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

## PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório  
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO  
E FABRICO  
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. MINERVA

**LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

# PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos remiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os ingleses no Polo Norte* 1 vol.  
5 — 2.<sup>a</sup> parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.  
**Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.<sup>a</sup> parte — *América do Sul*. 1 vol.  
10 — 2.<sup>a</sup> parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.  
11 — 3.<sup>a</sup> parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas:**
- 12 — 1.<sup>a</sup> parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.  
13 — 2.<sup>a</sup> parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.  
15 — 2.<sup>a</sup> parte — *O abandonado*. 1 vol.  
16 — 3.<sup>a</sup> parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
- Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Videira:
- 17 — 1.<sup>a</sup> parte — *O correio do Czar*. 1 vol.  
18 — 2.<sup>a</sup> parte — *A invasão*. 1 vol.
- O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.<sup>a</sup> parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.  
20 — 2.<sup>a</sup> parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
- Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.<sup>a</sup> parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.  
24 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.<sup>a</sup> parte — *A viagem fatal*. 1 vol.  
27 — 2.<sup>a</sup> parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.<sup>a</sup> parte — *A chama errante*. 1 vol.  
32 — 2.<sup>a</sup> parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
- A jangada**, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.<sup>a</sup> parte — *O segredo terrível*. 1 vol.  
34 — 2.<sup>a</sup> parte — *A justificação*. 1 vol.
- As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.<sup>a</sup> parte — *A descoberta da terra*. 1.<sup>o</sup> vol.  
36 — 1.<sup>a</sup> parte — *A descoberta da terra*. 2.<sup>o</sup> vol.  
37 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.<sup>o</sup> vol.  
38 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.<sup>o</sup> vol.  
39 — 3.<sup>a</sup> parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.<sup>o</sup> vol.  
40 — 3.<sup>a</sup> parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.<sup>o</sup> vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.<sup>a</sup> parte — *De Constantinopla a Scutari*.  
44 — 2.<sup>a</sup> parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
- Matias Sandorff:**
- 47 — 1.<sup>a</sup> parte — *O pombo correio*. 1 vol.  
48 — 2.<sup>a</sup> parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.  
49 — 3.<sup>a</sup> parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayer. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.<sup>a</sup> parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.  
54 — 2.<sup>a</sup> parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.<sup>a</sup> parte — *A escuna perdida*. 1 vol.  
57 — 2.<sup>a</sup> parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.  
59 — 2.<sup>a</sup> parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- César Cascabel:**
- 61 — 1.<sup>a</sup> parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.  
62 — 2.<sup>a</sup> parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.<sup>a</sup> parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.  
64 — 2.<sup>a</sup> parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
- A ilha do Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.<sup>a</sup> parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.  
68 — 2.<sup>a</sup> parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentos**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
- A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.<sup>a</sup> parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.  
71 — 2.<sup>a</sup> parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
- O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.<sup>a</sup> parte — *O filho do coronel*. 1 vol.  
74 — 2.<sup>a</sup> parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.<sup>o</sup> vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.<sup>o</sup> vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

**Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.<sup>a</sup> prestação e leva para casa os 21 volumes**



# **HISTÓRIA UNIVERSAL**

de **GUILHERME ONCKEN**

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

**ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA**

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**  
**1.<sup>a</sup> prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês**

Com o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÔES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção  
de

**Albino Forjaz de Sampaio**

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



# O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**À VENDA**

a 2.<sup>a</sup> edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a  
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,  
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de  
estudo e de consulta que deve existir em  
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres  
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,  
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ESTÁ À VENDA O

# ALMANAQUE BERTRAND

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses  
e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade  
nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tôdas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras  
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA